



10

Iniciativas
pedagógicas
vencedoras da
27ª edição

prêmio
educador
nota 10



Instituto
somos



Diretor-presidente: Guilherme Alves Mélega

Diretores-vice-presidentes: Juliana Costa Diniz Araújo, Juliano Miguel Braga Griebeler, Marina Pequeneza de Moraes e Thiago Brentano Rodrigues

Diretor-tesoureiro: Cesar Augusto Silva

Direção de Educação Básica: Flavia Alves Bravin

Direção editorial: Lidiane Vivaldini Olo

Processo seletivo: Luciana Hubner (coordenação pedagógica), Alexandre Fiori, Ana Luiza de Azevedo Pires Sêrio, Angela Luiz Lopes, Claudio Bazzoni, Clélia Cortez Moriana, Denise Guilherme Viotto, Fabio Luiz D'Ángelo, Fernanda de Almeida Souza, Fernando Isao Kawahara, Heloisa de Almeida Pacheco, Jacqueline Cristina Jesus Martins, Lilian Ceile Marciano, Luisiana Andresa Carneiro, Maria da Paz de Castro Nunes Pereira, Maria Silvia Brumatti Sentelhas, Mariângela Bueno, Patricia Pires Pedroso Tacini, Rosaura Angélica Soligo, Sandra Mayumi Murakami Medrano e Sueli Angelo Furlan (selecionadores)

Banca de jurados: Claudia Costin, Giselle Machado Santos, Lino de Macedo, Natalia Rosón, Rita Esther Ferreira de Luna, Romilda Juliana de Santana e Semiramis Albuquerque Biasoli

Gerência de conteúdo: Tatiane Godoy

Produção editorial: Barbara Martins (gerência), Vanessa Nunes Lucena (coordenação) e Érika Domingues do Nascimento

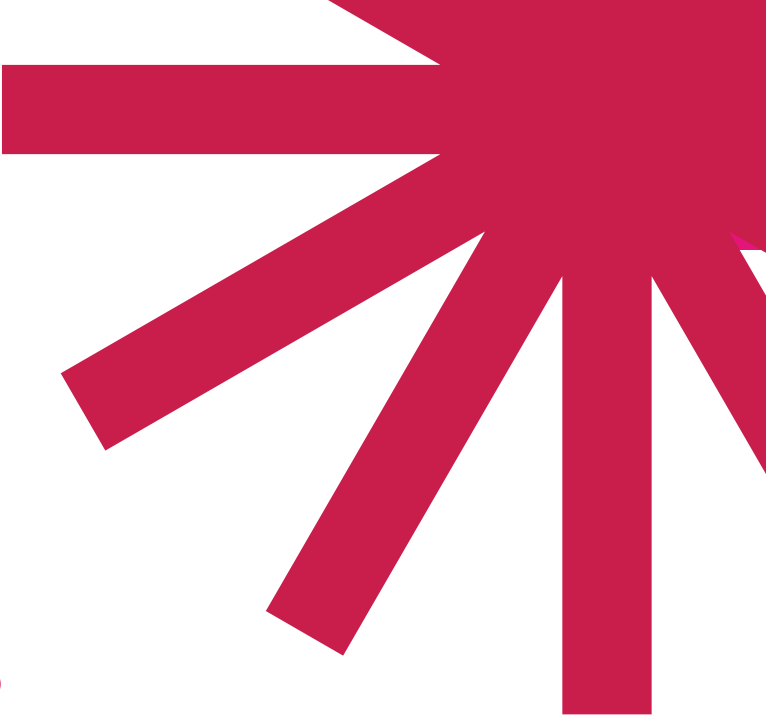
Revisão: Letícia Bento Pieroni (gerência)

Arte: Fernanda Costa (gerência), Kleber Monteiro de Messas (coordenação), Daniel Hisashi Aoki e Casa de Ideias

Diagramação: Kleber Monteiro de Messas (coordenação) e Daniel Hisashi Aoki

Capa: Casa de Ideias

Todos os direitos reservados por Instituto Somos



Apresentação

Este livro celebra os projetos dos finalistas da 27ª edição do Prêmio Educador Nota 10. O prêmio é uma realização do Instituto Somos, organização sem fins lucrativos que tem um compromisso com a democratização do acesso à educação, à leitura e às competências do futuro, promovendo a educação básica em todo o Brasil e buscando o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária, com geração de oportunidades para todos que confiam no poder da educação e desejam se tornar agentes de transformação da própria vida. Nas páginas a seguir, compartilhamos a dedicação, a criatividade e o impacto transformador que esses educadores têm gerado em suas comunidades. Cada um dos projetos aqui apresentado é um reflexo do compromisso incansável de ensinar e inspirar, indo além da sala de aula para alcançar um futuro mais justo e inclusivo.

O Instituto Somos, alinhado com os princípios do Pacto Global e os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 das Nações Unidas, tem apoiado iniciativas que contribuem para combater a pobreza, a desigualdade e que promovem a preservação do meio ambiente. Este prêmio se concentra especialmente em iniciativas que abordam os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 4 (Educação de



Qualidade), 5 (Equidade de Gênero), 10 (Redução das Desigualdades) e 13 (Combate às Alterações Climáticas). O alinhamento com esses valores e com a Agenda 2030 é um critério essencial no processo seletivo dos projetos.

O Prêmio Educador Nota 10 reconhece e valoriza a educação de qualidade, protagonizada por professores e gestores educacionais e pedagógicos da Educação Básica: da Educação Infantil ao Ensino Médio, e Educação de Jovens e Adultos, de escolas públicas, privadas, filantrópicas de acesso público, rurais ou urbanas de todo o país. O objetivo é destacar, entre os trabalhos inscritos, nove práticas de excelência, alinhadas com um dos três eixos temáticos – Direitos Humanos, Inovação e Tecnologia e Sustentabilidade –, que evidenciem, exemplifiquem e inspirem outros profissionais da educação no país.

Neste livro, trazemos os três melhores projetos de cada eixo temático, totalizando nove projetos vencedores. Para cada um desses eixos, os projetos selecionados são um exemplo claro de como é possível transformar a educação e contribuir para um futuro mais inclusivo e sustentável. Reunimos as histórias de educadores que, com coragem e inovação, desafiam os limites do sistema educacional convencional. Eles demonstram, na prática, como, por meio de abordagens pedagógicas criativas, é possível abrir novos horizontes para os alunos, valorizando a aprendizagem e o desenvolvimento humano.

Nosso objetivo, ao compilar esses projetos, não é apenas reconhecer o talento e a dedicação dos professores mas também inspirar outros educadores a seguir o exemplo, adotando abordagens inovadoras e significativas. Acreditamos que a educação é a chave para um futuro melhor, e cada um desses projetos representa uma poderosa contribuição para essa causa.

Que possamos olhar para o futuro da educação com mais esperança e coragem, sabendo que a verdadeira revolução começa no coração de quem ensina e que, juntos, podemos avançar para um mundo mais justo, sustentável e igualitário!



Manifesto PEN10

Para chegarmos no 10,
a busca é de todos.
Escola, professores, gestores, alunos, famílias
e todos aqueles que acreditam
no poder da educação.
Sem deixar ninguém para trás.
Transformar o mundo é transformar as pessoas.
E transformar as pessoas é a lição de casa
de todos os professores.
Que são símbolos do empenho e dedicação,
que possibilitam aos sonhos
se tornarem realidade,
que fazem o mundo girar até encontrar
sua melhor versão.
A educação é o único caminho
para chegar até lá.

Prêmio Educador Nota 10:
o mundo muda com você.



Todos os projetos contidos nesse livro estão reproduzidos na íntegra. Os nomes dos alunos ou de outras pessoas citadas estão representados por meio de iniciais, a fim de proteger a identidade das pessoas mencionadas.

Sumário

Depoimentos dos educadores finalistas	9
Projetos por eixo	13
Direitos Humanos	13
Teoria como libertação: a voz de levante das trabalhadoras domésticas, estudantes da EJA, por Lidiane Silva Pereira dos Santos	15
Eu vejo você: o clube da leitura antirracista, por Maria Cristina Bezerra de Lima Castro	27
Pra ver se me enxergo!, por Renata Moura dos Santos.....	39
Inovação e Tecnologia	49
Meu futuro nesta sociedade, por Claudia Amaral	51
Circuito de atletismo, por Jeyze Duarte Martins.....	59
Chegadas e partidas: histórias que se conectam!, por Priscila Fabiana Rodrigues Terencio	65
Sustentabilidade	83
Dos resíduos aos recursos: proposta de reutilização dos subprodutos das casas de farinha do Quilombo do Caroá, por Gustavo Santos Bezerra	85
Mar de descoberta, por Marta Maria da Silva	93
Riscos em perspectiva: o bairro Matosinhos em São João del-Rei (MG) em maquete, por Rafael César Costa Silva	101







Depoimentos dos educadores finalistas

Direitos Humanos

“Tem sido uma experiência bonita ser finalista no Prêmio Educador Nota 10; poder usar o espaço que ocupo como educadora para dar visibilidade à produção de conhecimento elaborado pelas pessoas jovens, adultas e idosas. Faz parte do processo que estou em busca de realizar, de recuperação da nossa autoestima, afirmação da nossa potência e intelectualidade para construir saberes insurgentes que podem alterar as relações, transformar a sociedade num lugar mais justo e melhor para vivermos.

Se você, educadora/educador, também realizar um trabalho importante em sua escola, não deixe de se inscrever no prêmio e propagar a narrativa de que somos muitos, os/as professoras/es interessadas/os em revolucionar as pessoas que revolucionarão o mundo. Assim, nós nos inspiramos mutuamente e temos mais chances de alcançar o nosso intento.”

Lidiane Silva Pereira dos Santos (Colégio Santa Cruz, São Paulo/SP)

“Participar do Prêmio Educador Nota 10 foi uma das experiências mais marcantes da minha trajetória. O projeto nasceu da escuta atenta aos alunos e do desejo de tornar a educação mais significativa. Ser finalista



me encheu de orgulho e responsabilidade. Conhecer educadores incríveis de todo o país e trocar experiências foi inspirador. O reconhecimento nacional trouxe visibilidade ao trabalho da escola e valorizou a educação pública. Volto dessa experiência mais motivada e com a certeza de que a valorização do professor passa também por espaços como o Prêmio Educador Nota 10. Ele não apenas celebra práticas bem-sucedidas mas também fortalece uma rede de educadores que acreditam no poder da escola pública, democrática e de qualidade.”

Maria Cristina Bezerra de Lima Castro
(Escola Municipal Professora Ida Bastos, João Dourado/BA)

“Ao saber, enfim, que estava participando como finalista foi muito emocionante e um reconhecimento do trabalho que nós, educadores das escolas públicas das periferias, desenvolvemos. O Educador Nota 10 é considerado o ‘Oscar da Educação’ e sua visibilidade é gigantesca. O projeto foi tão lindo e impactou tanto todos os envolvidos que merecíamos ser reconhecidos e, melhor, ir mais além, sendo exemplo de uma educação pública de qualidade.

Gostaria de finalizar citando uma frase da escritora Bárbara Carine: “Onde a gente não se vê, a gente não se pensa, não se projeta”. Talvez, como professores, desvalorizados, não consigamos acreditar, mas hoje gostaria de ser para esses profissionais a pessoa em que consigam se ver, se enxergar, se projetar, convidando-os a acreditar nas suas ideias, pois estas são potentes e necessárias!”

Renata Moura dos Santos (Escola Municipal de Educação Infantil Parque Bologne, São Paulo/SP)

Inovação e Tecnologia

“Participar do Prêmio Educador Nota 10 foi uma das experiências mais marcantes da minha trajetória. Ser finalista me mostrou a força que a educação tem para transformar vidas e a importância de incentivar os sonhos dos alunos. Além do reconhecimento, recebi oportunidades valiosas, como a bolsa integral de pós-graduação no Instituto Singularidades, que ampliará ainda mais minha formação e impacto em sala de aula. O prêmio é, acima de tudo, um espaço de partilha, inspiração e valorização da nossa profissão. Convido todos os professores a inscrever seus projetos, pois cada história de dedicação merece ser vista e celebrada.”

Claudia Amaral (Escola Estadual Cásper Líbero, Bragança Paulista/SP)

“Ser finalista do Prêmio Educador Nota 10 foi uma experiência transformadora. O reconhecimento trouxe ainda mais motivação para meu trabalho e deu visibilidade à educação que está sendo feita na Amazônia, mostrando que, mesmo diante de desafios, é possível alcançar resultados significativos. A premiação reafirma a importância da Educação Física na Educação Básica, que, mesmo com perdas de carga horária, segue revelando sua força e potência ao ampliar horizontes e transformar realidades. Participar do prêmio é uma oportunidade de valorizar nossas práticas, dar voz aos nossos alunos e mostrar que a educação de qualidade acontece em todos os cantos do país. Incentivo cada professor a se inscrever, pois compartilhar experiências é também multiplicar esperanças.”

Jeyze Duarte Martins (Escola Estadual de Ensino
Médio Murumuru, Monte Alegre/PA)

“Participar do Prêmio Educador Nota 10 representou uma das experiências mais transformadoras da minha trajetória como educadora. Mais do que uma premiação, a iniciativa se mostrou uma oportunidade única de reflexão, valorização e compartilhamento de práticas que realmente fazem a diferença na vida dos estudantes e da comunidade.

É emocionante ver nosso projeto ganhar visibilidade e servir de inspiração para outros educadores. Saber que nossa história pode incentivar novas práticas evidencia que transformar realidades é perfeitamente possível, mesmo em contextos desafiadores.

Inscrevam-se no Prêmio Educador Nota 10! Suas ideias, por mais simples que pareçam, podem carregar um potencial imenso. O prêmio é um espaço que valoriza a autenticidade, a inovação e, sobretudo, o compromisso com uma educação significativa e humana.”

Priscila Fabiana Rodrigues Terencio
(Escola Estadual Ângelo Scarabucci, Franca/SP)

Sustentabilidade

“Participar do Prêmio Educador Nota 10 e chegar entre os finalistas foi a realização de um sonho. Quando estudante, meu maior desejo era participar de uma feira de ciências e desenvolver um trabalho, mas não tive essa oportunidade. Hoje, por meio do meu projeto, consegui oferecer aos meus alunos aquilo que sempre quis para mim. Foi um



grande desafio para minha prática docente, especialmente porque, pela primeira vez, toda uma turma pôde vivenciar a experiência de desenvolver um projeto de pesquisa.”

Gustavo Santos Bezerra (Escola Técnica Estadual
Professor Paulo Freire de Carnaíba/PE)

“Participar do Prêmio Educador Nota 10 tem sido uma experiência transformadora. Mais do que um reconhecimento pessoal, é a celebração da força de ser professor e do poder da educação.

Ao escrever e compartilhar meu projeto, compreendi a importância de registrar e valorizar nossas práticas: a escrita organiza, fortalece e dá visibilidade ao trabalho que realizamos no cotidiano da escola.

Convido a todos os professores a se inscreverem. Cada projeto carrega histórias de vida, aprendizados e possibilidades que merecem ser conhecidas. O prêmio não celebra apenas o indivíduo mas o compromisso coletivo com uma educação libertadora e transformadora. É um espaço vital de troca, inspiração e valorização que reafirma nossa escolha.

Que o Prêmio Educador Nota 10 continue inspirando profissionais de todo o Brasil.”

Marta Maria da Silva (Creche Maria Anunciada de
Arruda - Irmã Linda, Paulista/PE)

“Participar do Prêmio Educador Nota 10 com o projeto ‘Riscos em perspectiva’ foi uma das experiências mais marcantes da minha trajetória docente. O trabalho nasceu do desejo de aproximar os estudantes da realidade do bairro em que vivem por meio da construção de maquetes e da leitura crítica dos riscos urbanos e ambientais. Estar entre projetos de tantas escolas do Brasil me mostrou que a educação pública tem potência e criatividade transformadora. O reconhecimento fortaleceu minha certeza de que vale a pena acreditar em nossos alunos, alunas e em nossas ideias. Incentivo cada colega professor a se inscrever, porque, além da visibilidade, o prêmio é uma oportunidade de compartilhar práticas, inspirar outras redes de ensino e reafirmar que nossa profissão é, de fato, capaz de transformar territórios e vidas.”

Rafael César Costa Silva (Escola Estadual Governador
Milton Campos, São João del-Rei/MG)



Direitos Humanos

Os Direitos Humanos são fundamentais para a construção de uma sociedade justa, e sua incorporação na educação é essencial para a formação de cidadãos conscientes e engajados. No contexto do Prêmio Educador Nota 10, o eixo Direitos Humanos reconhece projetos que alinham as práticas pedagógicas ao compromisso com a promoção da justiça social e da igualdade.

Os projetos inscritos neste eixo buscam abordar a temática dos Direitos Humanos de maneira transversal, promovendo ações afirmativas e concretas que sensibilizem e eduquem os estudantes sobre a importância de respeitar e valorizar a dignidade humana. Ao integrar os Direitos Humanos nas práticas pedagógicas, esses projetos contribuem para a formação de uma comunidade escolar que valoriza a diversidade, combate a discriminação e promove a inclusão.

Por meio de iniciativas que fomentam a igualdade de oportunidades e o respeito às diferenças, os projetos deste eixo também contribuem para que os estudantes desenvolvam competências sociais e emocionais, preparando-os para atuar de forma ética e solidária na sociedade. Nesse sentido, abordam temas como igualdade de gênero, direitos das



minorias e combate ao racismo, motivando os alunos a refletir sobre as injustiças sociais e a se tornarem agentes ativos de mudança em suas comunidades.

Além disso, esses projetos capacitam os estudantes a reconhecer e combater violações de direitos, incentivando a participação cidadã e o engajamento político. Portanto, prepara-os não apenas para conhecerem os próprios direitos como também se tornarem defensores e promotores da justiça social, contribuindo para a construção de sociedades mais inclusivas e democráticas.

Os projetos deste eixo buscam ainda transformar a maneira como o conhecimento é compartilhado e construído, propondo metodologias participativas e colaborativas para que os alunos tenham a oportunidade de explorar, experimentar e colaborar em ações afirmativas a fim de formar uma comunidade escolar capaz de desenvolver soluções criativas e impactantes para transformar o ambiente e o mundo ao redor.

Por fim, esses projetos preparam os alunos para o futuro, incentivando-os a adotar uma mentalidade crítica e engajada, essencial para o desenvolvimento de novas ideias e a resolução dos desafios contemporâneos.

Teoria como libertação: a voz de levante das trabalhadoras domésticas, estudantes da EJA

por **Lidiane Silva Pereira dos Santos**

Colégio Santa Cruz, São Paulo (SP)

Nível de ensino atendido pelo projeto: Educação de Jovens e Adultos

Componente Curricular: Linguagens e suas Tecnologias

Minirresumo do projeto

Este projeto tem como objetivo se debruçar sobre as experiências de trabalho dos estudantes da EJA.

Introdução

Os estudantes da EJA se caracterizam por serem trabalhadores-estudantes. A palavra “trabalhador” vem em primeiro lugar, porque o trabalho é tema central na experiência de vida de qualquer pessoa que nasceu na periferia da cidade, de quem, desde cedo, compreendeu que a sua sobrevivência depende do trabalho. De quem lava a louça, antes mesmo de alcançar a pia, como bem diz a ativista Helena Silvestre. Trabalhar para nós, população historicamente oprimida, é abandonar a escola, os sonhos que ficam adormecidos, afundados em navios, em prol da busca pela sobrevivência. É muito comum adentrarmos as salas de aula de EJA e nos depararmos com corpos cansados, de



quem acordou antes do sol nascer, enfrentou as péssimas condições do transporte público, de trabalho e, no fim do expediente, já exaustos, dirigem-se à escola, realizando o último gesto de esperança, de resistência, de resgate do navio à deriva. Voltar a estudar é se reencontrar com navios à deriva, sonhos perdidos; fazê-los emergir. Como professora da EJA, tem sido um desafio auxiliar os alunos no processo de resgate dos navios, do direito ao sonho, do esperar, mesmo vivendo em uma realidade estruturalmente violenta; despertar uma consciência crítica, intuindo a busca de um pensar coletivo acerca de estratégias de enfrentamento e de transformação dessa mesma realidade; ou, como nos ensina Krenak (2019), sobre como construir paraquedas coloridos, a fim de adiarmos o fim do mundo, enxergar poesia, futuro, em meio ao caos. Todavia, esse processo não é tão simples; os modos de existir branco-ocidentais se impuseram com grande força sobre nossa sociedade. Há uma grande dificuldade em reconhecer que estamos imersos num processo de cooptação de imaginários, em que somos seduzidos a buscar uma existência coerente com a lógica de pensamento dominante, patriarcal e colonialista. Aprendemos a naturalizar as desigualdades sociais, as hierarquias, a exploração do ser humano por outro ser humano. Dentro do contexto das relações de trabalho, significa normalizar para os grupos que foram subalternizados condições precarizadas de emprego, já que se aceita que determinados trabalhos mereçam ganhar menos e outros, mais; que o trabalho intelectual tenha mais prestígio do que o manual, que o saber letrado se sobreponha aos saberes orgânicos, quando devíamos estar em busca da nossa vocação ontológica por sermos mais, e resgatar e afirmar sempre a nossa humanidade, como afirma Freire. Na educação de pessoas jovens, adultas e idosas, pensar o mundo do trabalho e as relações trabalhistas é imprescindível para que os/as alunos/as se enxerguem como sujeitos históricos, capazes de

quebrar essa lógica do capital; vejam-se como atores que podem intervir em seu meio e modificá-lo, que revolucionem as relações e modos de trabalho, não tomem para si o discurso das elites dominantes, em que a falta de escolaridade é justificativa para a não valorização dos seus saberes, para a exploração do corpo e da força de trabalho.

Apresentação da instituição de ensino

O Colégio Santa Cruz é uma instituição de ensino privado que atende durante o dia a elite paulista. Tem ótimos resultados nos indicadores de qualidade de ensino. No período noturno, a escola tem um programa filantrópico, em que todos os estudantes são bolsistas, ou seja, à noite, a escola se transforma, abrindo as portas para os estudantes trabalhadores: porteiros, jardineiros, auxiliares de serviços gerais, da construção civil, trabalhadores essenciais, pessoas que moram em abrigo, pessoas LGBTQIA+, recém-saídas do sistema prisional e desempregadas. Pessoas que, por questões de raça, classe, gênero, não conseguiram acessar a educação formal antes e têm agora o direito que lhes fora negado. Os índices do Ideb não dizem respeito ao público da EJA, embora realizemos um trabalho de muita qualidade na escola, mesmo com todas as contradições e diferenças no modo como existimos e ocupamos aquele espaço, que, muitas vezes, é de disputa, de luta por visibilidade, equidade e respeito.

Justificativa do projeto e pertinência com a necessidade local

“Vim para São Paulo em 2005 trabalhar como doméstica, a minha patroa era baiana e casada com um alemão, ela tinha um filho de 15 anos. Eu cheguei para fazer tudo na casa: da limpeza ao fogão. Ela morava no Morumbi. No começo era muito ruim, sofri muito, era muito frio e eu não estava acostumada com aquele clima, aí é que entra o abuso de poder dela. Ela chegava do trabalho às 23 horas e queria que eu



levantasse para fazer massagem nela, mesmo eu não sendo massagista, mas tinha que levantar para fazer massagem nela, morrendo de frio e cansada de trabalhar o dia inteiro.” Z. M. S., estudante EJA.

Realizei a atividade de sondagem no início do ano letivo, que consistia em apresentar aos estudantes um capítulo do livro *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus. Após todo trabalho de reflexão e discussão, feito com o texto, solicitei relatos de experiências de trabalho. O conteúdo desses relatos traziam denúncias de maus-tratos nos locais de trabalho, tais como acusação de roubo, sendo que as coisas sempre apareciam depois, xingamentos de preta e burra, execução de diferentes funções sem receber por elas, ter o salário roubado por uma colega de trabalho, carga horária ampliada, proibição de comer e tomar banho quente, ter de adicionar água ao leite, ter um patrão que pedia as coisas gritando, ser acusada pela patroa de roubar frutas que havia sido dadas pelo patrão, sofrer assédio e abuso sexual, ser dispensada por levar a filha ao médico, se sentir humilhada. Diante dos depoimentos, elegemos o trabalho doméstico como tema de estudo, já que a maioria dos relatos trazia exemplos de violências sofridas nessa área de atuação.

O trabalho doméstico remunerado é a principal fonte de renda para 17% da população feminina brasileira. De acordo com o Programa Nacional de Amostra por Domicílio (Pnad) de 2021, 99% dos trabalhadores nesse serviço são do sexo feminino e somente um quarto possui registro em carteira. Por esse motivo, é considerada uma ocupação precária, devido à longa jornada de trabalho, à baixa remuneração e ao não registro em carteira.

Não podemos ignorar que a EJA é formada majoritariamente por essas mulheres, que, dentro de uma estrutura racista, machista, classista, tem relegado a elas, sobretudo as racializadas das camadas populares, o papel do trabalho

doméstico feito historicamente por mulheres e que permite que outras mulheres e homens adentrem ao mercado de trabalho e contribuam para a engrenagem do capitalismo. Por esse motivo, o trabalho doméstico, tanto o produtivo quanto o reprodutivo, ambos invisibilizados, precisam ter espaço no currículo da EJA.

Objetivos de aprendizagem

No trabalho realizado, era importante respondermos às seguintes questões: Qual é a origem do trabalho doméstico? Por que esse tipo de trabalho é tão desvalorizado? Como dar visibilidade ao trabalho doméstico e promover sua valorização? Por fim, era preciso pensar coletivamente em estratégias de enfrentamento às violações de direitos trabalhistas que ferem a dignidade humana. No que concerne à escrita, os principais problemas encontrados foram referentes ao uso inadequado de pontuação, organização do texto, oralidade, questões de ortografia. Elegi o estudo do gênero entrevista como objeto de conhecimento nas aulas de língua portuguesa para dar conta das aprendizagens sobre o tema e as questões de linguagem.

Metodologia utilizada

Apresentar aos estudantes um currículo que estava estruturado com a presença de artistas, intelectuais e escritores negros, já que maioria dos estudantes era formada por pessoas negras. Era preciso fazê-los se enxergarem nesse currículo, a fim de se reconhecerem enquanto sujeitos intelectuais para não desenvolverem identidades com egos deprimidos, uma percepção de si rebaixada, inferiorizada. Busquei arcabouço teórico na produção de Juliana Teixeira, em seu livro *Trabalho doméstico*. Trouxe o pensamento, a força intelectual da pesquisadora, por intermédio de duas entrevistas da Juliana, uma impressa e uma oral, para estudarmos na sequência didática que elaborei, com



atividades variadas, individuais, em duplas e grupos. Também utilizei uma entrevista cedida por Verônica Oliveira, ex-trabalhadora doméstica, dona do canal Faxina boa, à própria escola, à turma antecessora a essa. Costumo usar em minhas sequências materiais construídos pelos alunos anteriores; é como se estivéssemos num contínuo processo de busca por esses saberes, e a cada turma damos um passo novo. Por fim, contamos com a vivência, experiência social e política da deputada estadual do PSOL Ediane Maria, ex-trabalhadora doméstica. Cada uma dessas referências foi importante na construção da sequência que detalharei a seguir, para o processo de conscientização sobre si, para a construção de um olhar crítico sobre a sociedade brasileira e o despertar de pessoas revolucionárias, que almejam uma transformação social.

Utilizei também estratégias de atividades de retextualização, como transcrição da modalidade oral da língua para a modalidade escrita, a fim de os alunos compreenderem as especificidades da fala, comparando-as à modalidade escrita.

Metas qualitativas

Compreender as origens do trabalho doméstico: conforme Juliana, as antecessoras das trabalhadoras domésticas foram as mulheres negras escravizadas, que eram escolhidas para trabalhar na casa grande e também estavam mais suscetíveis a sofrerem abuso sexual. Discutir a respeito das relações duradouras que marcam o modelo de família burguesa no Brasil, em que ter uma empregada é símbolo de *status* e ascensão social.

Romper com mitos ligados ao trabalho doméstico, entre eles o “ser quase da família”, compreendendo o resultado disso, que dificultou, por muitos anos, o reconhecimento da profissão e a conquista de direitos. Muitas alunas associaram a expressão às experiências de terem trabalhado

anos servindo uma família e não receberem nada ao sair. Elas citaram muitos exemplos do que Juliana aponta como cotidiano e apresentaram relatos sobre horários, espaços e alimentos diferenciados. Compreender como se deu, e se dá, a divisão social, sexual, racial do trabalho reprodutivo, executado pelas mulheres dentro das casas, sem remuneração; e trabalho produtivo, feito pelos homens, remunerado, fora de casa, com o objetivo de desconstruir esses paradigmas promotores de injustiça.

Compreender a razão da desvalorização do trabalho doméstico com base no conceito de interseccionalidade, apresentado por Juliana: ferramenta crítica analítica pensada por intelectuais feministas negras para denunciar o sistema interligado de opressões vivida por elas. Juliana traz à tona esse conceito para entendermos que o trabalho doméstico, por ser braçal, não era digno de ser feito por humanos. Por isso, passou a ser realizado por mulheres negras e pobres, não vistas como humanas.

Meta quantitativa

Explorar questões ligadas ao estudo do gênero, tais como o contexto de produção (a função social da entrevista, os diversos tipos de entrevista existentes, quem produz, para quem, com qual intenção, suporte e veículo de comunicação), a composição (título, subtítulo, foto com legenda, introdução, perguntas e respostas) e aspectos linguísticos-discursivos (pontuação, oralidade x escrita, pronomes interrogativos, referência).

Estratégias e instrumentos utilizados para acompanhar a participação dos envolvidos

Elaboração autoral de fichas a cada encontro, de acordo com as demandas reais dos estudantes, com partilha clara dos objetivos de cada aula. Atendimento individuais e em grupos. Sistema de devolução das fichas contendo setas que explicitam se o aluno atingiu ou não o objetivo



que foi trabalhado. Por exemplo, se o objetivo da ficha era compreender os contextos sociais em que a entrevista é realizada e suas diferentes finalidades, usamos: Atingiu o objetivo? Está em processo? Não atingiu, precisa se empenhar mais. Lista de presença e reunião semanal, em que discutimos os estudantes que estão destacando e pensamos em estratégias para acolher e impulsionar quem está com mais dificuldade.

Dificuldades enfrentadas antes e durante o desenvolvimento do trabalho

Elaboração de fichas para estudantes em fase de consolidação de alfabetização dentro da mesma temática e atendê-los durante as aulas. Como conciliar os interesses de uma educação crítica e emancipatória da população oprimida num território elitizado em que o confronto e o choque ideológico é inevitável?

Relação do trabalho pedagógico com o entorno da escola, questões locais, com ações e políticas existentes e com as organizações sociais que atuam na região

Uma questão sobre a qual estávamos debruçadas, que surgiu no meio do caminho: tínhamos como ideia criar um manual para os patrões e as patroas, a fim de responder a uma das nossas perguntas de trabalho, que era como romper com o pensamento colonial em relação ao trabalho doméstico. Infelizmente, a experiência das estudantes deixou muito evidente o quanto a nossa luta por equidade de gênero, raça e classe é extremamente necessária; o quanto o feminismo, enquanto movimento, não é universal; o quanto mulheres brancas, privilegiadas economicamente, assombrosamente, continuam atuando para a desvalorização do trabalho doméstico, na medida em que simbolizam e concretizam a figura do algoz na vida das estudantes/trabalhadoras domésticas, muitas vezes

com narrativas coloniais, conforme estudamos, afirmando que elas são parte da família. Aprendemos no projeto as armadilhas desse discurso. Muitas patroas questionam o porquê de elas terem voltado a estudar, não as motivam nem facilitam a vida delas para que possam ir à escola com tranquilidade, representando, em muitos casos, a principal razão de desistirem dos estudos. Percebe-se, portanto, que essas mulheres estão comprometidas com a emancipação feminina somente delas. As estudantes elaboraram frases sugestivas para melhorar o convívio com as patroas. A ideia era compartilhar essas sugestões pelo WhatsApp para que as estudantes usassem suas diferentes redes sociais para divulgá-las. No entanto, estou interessada na construção de diálogos que não representem afronta, para que o outro esteja aberto a acolher e a repensar as atitudes. A ideia do manual para patroas e patrões é algo que ainda me persegue e que tenho certeza de que o realizarei com as próximas turmas, tendo como referência o passo que foi dado por esta.

Replicabilidade e continuidade do projeto

O projeto pode ser replicado em qualquer turma de EJA, o Mundo do trabalho é um eixo temático inerente. Todos os semestres eu replico essa sequência. O que muda é o tema dentro desse eixo. Acredito num currículo vivo, construído com os estudantes e de acordo com suas demandas reais. A escolha pelo tema de interesse dos alunos, a ser aprofundado no semestre, ocorre durante a atividade de sondagem, que cumpre dois objetivos: o primeiro é ter um panorama de como os estudantes estão escrevendo, quais conhecimentos possuem, quais habilidades escritoras precisam desenvolver para ser criado um plano de ensino-aprendizagem visando a ampliação de competências ligadas à escrita, à leitura e à oralidade. O segundo passo é identificar qual tema de estudo ligado ao



mundo do trabalho vamos escolher para aprofundar com a turma. Houve semestres que, de acordo com o conteúdo apresentado na atividade de sondagem, optamos por estudar as vantagens e desvantagens do trabalho formal x informal. Para esse caso, entrevistamos Helena Silvestre, escritora e ativista. Em outra ocasião, estudamos a cooperativa como alternativa à precarização do trabalho, conversando com Eduardo Ferreira, presidente da cooperativa dos catadores de recicláveis). No semestre passado, falamos sobre o direito ao descanso e entrevistamos a brincante Tati Candeia. Muitas muitas vezes o trabalho doméstico foi tema quando a sala é predominantemente feminina. Já entrevistamos Verônica Oliveira também. No segundo semestre de 2025, estamos discutindo as leis trabalhistas. Os alunos vão entrevistar o advogado trabalhista Mauricio Tanabe. Essa é uma sequência tranquilamente replicável. Poderia discorrer sobre qualquer um desses temas. Todos têm sua beleza e importância, mas escolhi politicamente dar visibilidade ao tema das trabalhadoras domésticas por também ser filha, neta, sobrinha de trabalhadoras domésticas e, portanto, também ser afetada pelo assunto.

Conclusão do projeto e resultados obtidos

Aprendemos as origens do trabalho doméstico, as razões pelas quais é desvalorizado e possíveis caminhos para sua valorização, como: enquanto não houver uma fiscalização acerca do trabalho doméstico, ou informal, são elas mesmas que devem se impor, colocar limites, não acumular tarefas, cobrar um preço justo pelo trabalho que realizam; agindo assim, contribuem para a não precarização do trabalho doméstico. Isso é o que podem fazer individualmente, visando se fortalecerem enquanto coletivo. Aprendemos também que a melhoria das condições de trabalho depende de decisões políticas. Por isso é importante a

eleição de representantes que reconheçam os problemas das trabalhadoras domésticas para que elaborem projetos que os resolvam. Ao fim do projeto, tive absoluta certeza de estar diante de estudantes mais empoderados intelectualmente para a defesa da própria dignidade, bem-informadas da importância de valorizar o trabalho que realizam e que se enxergam pertencentes a um coletivo e prontas para aceitarem chamados de luta. No que diz respeito à escrita, leitura, análise linguística e oralidade, houve um avanço em cada um desses aspectos, porque foram trabalhados conjuntamente. Nas atividades de retextualização, os estudantes exercitaram o uso de sinais de pontuação, aprenderam a eliminar marcas de conversação, escrever com coesão, utilizando pronomes para evitar repetições, a resumir sem perder a coerência da mensagem. Estudaram também como usar a oralidade para realizar uma entrevista e comunicação, além da diferença da entrevista oral e escrita.

Aprendizagens alcançadas e autoavaliação

Os estudantes aprenderam o que é uma entrevista e como realizá-la. Queria destacar, no processo de inscrição, uma reflexão sobre o ensino de oralidade no meu componente, que é língua portuguesa. Tenho aprendido que a oralidade, na EJA, deve ser trabalhada em duas dimensões: de uma perspectiva dos gêneros discursivos – que amplia a participação social dos estudantes no mundo letrado; e a partir do viés político, em que o foco está em instrumentalizar estudantes a usar a voz para se fortalecerem como pessoas, como identidade coletiva, para responder à altura às inúmeras situações de opressão das quais são vítimas, numa perspectiva em que a fala e a oralidade têm potencial para aniquilar o sentimento de ter vergonha, comumente verbalizado pelos estudantes. Percebo que há um efeito catalisador quando o estudante transgredir o sentimento



de vergonha e passa a pensar, a refletir sobre as próprias experiências de dor. Trata-se do que Mombaça chama de “rastrear na quebra”, em conjunto, uma forma de (re)existir, de politizar a ferida, o que Hooks (2019) denomina libertação, autorrecuperação, conscientização. Depoimentos: “Por meio do estudo sobre o tema pude me enxergar como sujeito de direitos e dei meu grito de liberdade com uma das minhas patroas!” D. E. “Através desse conhecimento, além de me fortalecer, consegui mudar a mentalidade de outras colegas para que elas dessem limites às suas patroas.” M. R. P. “Então, hoje eu tô super feliz, de saber que a lei do dia da doméstica foi aprovada, e o que temos fazer agora é ir para rua, bater panela, para que essas donas de casa possam receber, possam ser reconhecidas.” R. A.

Eu vejo você: o clube da leitura antirracista

por **Maria Cristina Bezerra de Lima Castro**

Escola Municipal Professora Ida Bastos, João Dourado (BA)

Nível de ensino atendido pelo projeto: 7º ano – Ensino

Fundamental – Anos Finais

Componente Curricular: História

Minirresumo do projeto

Clube de leitura e debate de obras antirracistas para promover educação, respeito e transformação.

Introdução

O projeto “Eu vejo você: o clube da leitura antirracista”, desenvolvido com os estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais, surgiu como resposta à necessidade de promover uma educação mais inclusiva e representativa para os estudantes negros da Escola Municipal Professora Ida Bastos, especialmente aqueles provenientes da Comunidade Quilombola Feitosa. Localizada a aproximadamente um quilômetro da comunidade, a Escola Ida Bastos recebe uma quantidade significativa de estudantes dessa comunidade devido à ausência de uma escola na própria comunidade. Crianças e jovens precisam se deslocar em busca de uma educação formal em outros espaços. No ambiente escolar,



esses estudantes frequentemente se deparam com atitudes racistas, que se manifestam através de palavras, gestos e atitudes discriminatórias por parte de colegas. O *bullying*, muitas vezes relacionado à origem dos estudantes, compromete a autoestima e o rendimento acadêmico deles. Essas situações são reflexos de um sistema social que ainda luta para superar o racismo estrutural. Motivados pela falta de representatividade nas leituras tradicionais, alunos, professores, coordenação, direção e membros da comunidade escolar perceberam a importância de criar um espaço onde os estudantes pudessem se reconhecer nas histórias que liam e discutir temas como identidade, resistência e igualdade social. O projeto se conecta diretamente com o tema Direitos Humanos e ODS 4, garantindo uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade ao promover o acesso à educação para combater o racismo, permitindo que vozes de pessoas historicamente marginalizadas sejam ouvidas e compreendidas. Com encontros semanais nas aulas de História, por meio de leituras que abordaram o contexto e os desafios enfrentados pela população afro-brasileira, o clube da leitura se propôs a não apenas trabalhar o prazer da leitura mas representou uma ferramenta poderosa para a formação de uma consciência crítica. O clube também contou com a participação de pessoas da cidade de João Dourado (BA) engajadas na luta contra o racismo, trazendo relatos de suas trajetórias e enfatizando a importância da educação no combate ao racismo. O resultado esperado não era apenas o desenvolvimento da leitura e do senso crítico mas também um ambiente de pertencimento e autoestima, no qual os estudantes negros e quilombolas puderam se expressar, compartilhar suas vivências e refletir sobre o papel da sua cultura na sociedade, conectando-se aos direitos humanos, fortalecendo a luta por justiça social e o reconhecimento de que todos têm direito a ser tratado com dignidade, respeito e igualdade.

Apresentação da instituição de ensino

A Escola Municipal Professora Ida Bastos é uma instituição educacional comprometida com a formação de cidadãos críticos, éticos e preparados para os desafios do futuro. Atualmente, atende 599 estudantes do Ensino Fundamental – Anos Finais. No turno matutino, 8º e 9º anos, e no turno vespertino, 6º e 7º anos. Está situada em um contexto social caracterizado pelo desafio de lidar com a diversidade étnica e cultural, tendo turmas compostas por estudantes brancos, ciganos, negros e quilombolas; cada grupo com características culturais e históricas distintas. Localizada em uma região de recursos limitados, a escola atende uma população de estudantes cujas famílias, em sua maioria, enfrentam dificuldades econômicas e sociais. Ao longo dos anos, nós nos destacamos não apenas pelo compromisso com o ensino acadêmico, mas também pela implementação de projetos pedagógicos de impacto positivo que incentivam a participação ativa dos estudantes. Entre os projetos que desenvolvemos, destaca-se a feira do empreendedorismo sustentável – uma iniciativa inovadora que visa estimular a criatividade dos estudantes enquanto os conscientiza sobre a importância de práticas sustentáveis. Uma oportunidade única para os alunos aplicarem na prática os conhecimentos adquiridos nas aulas de Ciências da Natureza, Empreendedorismo e Arte, criando e comercializando seus produtos não apenas viáveis economicamente mas também ecológicos e socialmente responsáveis com as famílias e os moradores do bairro. Ao longo dos anos, a comunidade escolar tem se empenhado no desenvolvimento de um projeto com atividades anuais, pontuais no mês de novembro, intitulado de “Consciência negra”. O projeto promove a reflexão e a cultura afro-brasileira. Por meio de palestras, programações temáticas, exposição histórica e aulas de campo em comunidades quilombolas, destaca a importância da luta pelos direitos humanos e a luta pela igualdade racial.



Justificativa do projeto e pertinência com a necessidade local

O projeto reforçou a missão da escola de formar cidadãos conscientes e ativos na luta por uma sociedade mais justa e igualitária, fortalecendo a identidade dos estudantes negros e quilombolas, valorizando suas histórias e promovendo uma educação mais inclusiva. A execução do projeto foi favorecida por um contexto de crescente sensibilização e interesse da comunidade escolar em temas ligados à diversidade, inclusão e combate ao racismo. A escola tem se empenhado em adaptar suas práticas pedagógicas para refletir questões sociais relevantes. Além disso, a crescente publicação de livros de autores(as) negros(as) e obras que abordam o racismo também facilitou a execução do projeto, mesmo não tendo nenhum exemplar na biblioteca da escola. Apesar da presença de 16 comunidades quilombolas certificadas, no território de João Dourado, os estudantes da comunidade quilombola Feitosa são frequentemente vistos com indiferença por parte de alguns estudantes. Quando esses estudantes são alvos de atitudes discriminatórias, mesmo que disfarçadas por piadas, diminui o engajamento nas atividades escolares, criando um ciclo negativo. Ao integrar discussões antirracistas no cotidiano da escola, o clube pôde influenciar positivamente a cultura escolar, reduzindo incidentes de discriminação e *bullying*, além de promover um ambiente mais inclusivo e respeitoso. O diferencial do projeto é a forma como ele integra a educação literária e as experiências vividas pelos estudantes com a promoção de uma cultura de respeito e igualdade.

Objetivos de aprendizagem

Valorizar a identidade e a cultura negra e quilombola, promovendo o reconhecimento das próprias raízes e a construção positiva da autoestima. Desenvolver o pensamento crítico a partir da leitura de obras literárias com temáticas antirracistas, e de autoria negra. Estimular a leitura como formas de expressão e resistência. Promover o diálogo e a

escuta ativa, criando um espaço seguro de troca entre os estudantes para compartilhar experiências, sentimentos e aprendizados. Fortalecer o sentimento de pertencimento à escola e à comunidade, por meio da valorização das vozes e histórias dos alunos negros e quilombolas.

Metodologia utilizada

As referências teóricas utilizadas no projeto incluem: *A pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire; *Como ser um educador antirracista*, de Barbara Carine; *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus; *Na minha pele*, de Lázaro Ramos; *Não basta não ser racista, tem que ser antirracista*, de Robin Diangelo. O projeto também é fundamentado a partir de experiências vivenciadas no projeto “Consciência negra”, desenvolvido anualmente na Escola Municipal Professora Ida Bastos. A estratégia por trás do projeto é enriquecer o aprendizado dos estudantes com perspectivas variadas, aproximando-os de histórias de superação e resistência de pessoas que viveram e vivenciam o racismo, além de promover uma educação antirracista que vai além do currículo tradicional. A primeira fase do projeto envolveu a organização das atividades, com a escolha dos textos e a formação de um grupo de mediadores, compostos pela coordenação pedagógica, professores de História e a de estudos literários. A equipe dedicou-se à seleção cuidadosa de obras literárias de autores negros, clássicos e contemporâneos, abordando questões de identidade, história e cultura afro-brasileira, considerando a faixa etária e o nível de compreensão dos estudantes do 7º ano. Os estudantes foram convidados a participar do clube por meio de uma campanha de sensibilização nas aulas de História, que incluiu apresentações sobre a importância da leitura crítica e da reflexão antirracista. Após essa fase, os estudantes foram divididos em grupos de leitura, com base no seu interesse e nível de compreensão das obras, permitindo discussões mais enriquecedoras e personalizadas. Na Escola Municipal Professora Ida Bastos,



as turmas contam com três aulas semanais de História, e foi nesse espaço que o clube da leitura antirracista encontrou lugar para acontecer de forma integrada ao currículo. Uma aula semanal para cada grupo foi dedicada exclusivamente aos encontros do clube, tornando a aula de História um ambiente de reflexão crítica, de diálogo e de fortalecimento da identidade dos estudantes. Cada encontro foi dedicado à leitura de um trecho do livro selecionado. Após, seguia-se um debate mediado, em que os estudantes e a professora discutiam temas como racismo estrutural, representatividade e a importância da cultura negra na sociedade, sempre conectando as discussões à realidade social e cultural que vivem, permitindo que se vissem representados nas histórias que estavam lendo. Para acompanhar o desenvolvimento das reflexões, cada aluno mantinha no caderno uma matéria reservada, intitulada de diário de leitura, onde anotava as impressões sobre o texto lido, dúvidas e sentimentos. Foi uma ferramenta importante para a professora acompanhar a evolução do aprendizado de cada aluno. Para os alunos com necessidades educacionais especiais, a produção foi artística: desenho, colagem e roda de conversa com apoio visual.

Metas qualitativas

Estabelecer um espaço de diálogo seguro e inclusivo: criar um ambiente onde os estudantes possam compartilhar suas perspectivas e vivências pessoais de maneira aberta e respeitosa, incentivando a escuta ativa e a troca de experiências. Fomentar o autoconhecimento e a reflexão crítica sobre o racismo: incentivar os estudantes a refletir sobre as próprias atitudes e preconceitos, e como o racismo se manifesta em diferentes contextos. Fortalecer a conexão entre a literatura e a vivência cotidiana dos participantes: estimular os estudantes a refletir como as histórias que leem se conectam com a própria vida e com as experiências, especialmente em relação ao racismo. Estimular a reflexão sobre o conceito de antirracismo: ajudar os estudantes a entender a diferença

entre ser não racista e antirracista, promovendo uma reflexão sobre como agir corretamente contra o racismo em suas vidas cotidianas. Incentivar a leitura e a valorização da literatura negra: engajá-los a lerem obras fundamentais da literatura negra, tanto clássicas como contemporâneas.

Metas quantitativas

Ler dois livros, sendo um clássico da literatura negra e um livro contemporâneo que abordem questões raciais. Organizar um encontro semanal para cada grupo de estudantes ao longo do projeto. Manter pelo menos 50% de frequência dos estudantes nos encontros do clube de leitura durante três meses. Realizar 12 leituras coletivas presenciais durante três meses. Estabelecer uma parceria com uma livraria para oferecer descontos ou doações de livros com temática antirracista a biblioteca da escola. Convidar pelo menos três especialistas para palestras ou mesas-redondas sobre temas antirracistas durante o projeto com pelo menos 80% da participação de cada grupo de estudantes. Adaptar 100% dos materiais de leitura e mesa redonda para garantir a participação e acessibilidade dos estudantes com necessidades educativas especiais.

Estratégias e instrumentos utilizados para acompanhar a participação dos envolvidos

Para garantir o engajamento e a efetividade do clube da leitura antirracista, foi fundamental implementar estratégias e utilizar instrumentos que permitam acompanhar, de forma contínua e significativa, a participação dos estudantes. Registro de presença e participação ativa em cada encontro do clube, anotações sobre a participação oral nas discussões, diário de leituras no qual os estudantes registram suas impressões, reflexões e aprendizagens a partir das leituras realizadas. Como exemplo: quando os estudantes que demonstravam dificuldades para se engajarem nas discussões em grupo receberam atenção especial, com apoio direcionado



durante as atividades individuais ou em pequenos grupos, garantindo que todos os participantes tivessem um espaço seguro para se expressar, para promover uma maior inclusão, foram feitas alterações nas dinâmicas de grupo. Em alguns momentos, debates em grupos menores ou dinâmicas mais interativas foram adotadas, permitindo que todos os estudantes se sentissem mais à vontade para compartilhar suas opiniões e aprendizados. Foi bonito ver os estudantes se reconhecendo nos livros, trazendo ideias, dúvidas e vivências para as rodas de conversa. A escola virou um espaço de troca, de escuta e de fortalecimento da autoestima. Além disso, muitos estudantes relataram em seus cadernos um aumento significativo na compreensão sobre questões raciais, especialmente em relação ao conceito de antirracismo e sua importância nas relações sociais. O projeto teve um impacto direto no fortalecimento da autoconfiança dos estudantes e no desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o papel de cada um na construção de uma sociedade mais justa.

Dificuldades enfrentadas antes e durante o desenvolvimento do trabalho

Implantar um projeto de leitura antirracista foi um desafio que exigiu coragem, escuta e persistência. Desde o início, sabíamos que trabalhar com temas como racismo, identidade e pertencimento dentro da Escola Municipal Professora Ida Bastos demandaria muito mais do que boa vontade: seria necessário enfrentar resistências, romper silêncios e abrir espaço para o diálogo verdadeiro. Antes mesmo do projeto começar, vieram os desafios cotidianos: falta de representatividade no acervo literário disponível, organizar os encontros em meio à rotina escolar, manter a participação ativa dos estudantes e, principalmente, criar um ambiente seguro onde todos se sentissem ouvidos e respeitados. Houve momentos em que surgiram dúvidas difíceis, falas marcadas por estereótipos e até desconfortos. Mas foi justamente nesses momentos que o clube cumpriu seu papel: provocar reflexão, gerar consciência e construir pontes.

Relação do trabalho pedagógico com o entorno da escola, questões locais, com ações e políticas existentes e com as organizações sociais que atuam na região

As atividades do projeto “Eu vejo você: o clube da leitura antirracista” estão diretamente conectadas com o território. A cidade possui 16 comunidades quilombolas que vivenciam, diariamente, situações de desigualdade racial e social. O clube, ao abordar essas questões por meio da leitura, promove a valorização das histórias e vivências que, muitas vezes, são silenciadas. Além disso, o clube também contribuiu com o reconhecimento e a valorização da identidade local, ao receber como convidado em nosso clube de leitura uma liderança negra da cidade: o ex-vereador Flávio Eres, reconhecido nacionalmente por seu trabalho na inclusão social. Seu projeto “Eu não vou desistir”, implantado em sua comunidade intitulada de “Carreiro dos negros”, oferece atividades educacionais, culturais e esportivas para comunidades em situação de vulnerabilidade, já beneficiando várias pessoas. Essa iniciativa lhe rendeu o Troféu Destaque Nacional, concedido pela União dos Vereadores do Brasil (UVB), pela quarta vez consecutiva. Eres contribuiu com a discussão do livro *Na minha pele*, do autor Lázaro Ramos. Além de Flávio Eres, o clube contou com a presença da secretária de Assistência Social do município Ediana Castro, que tem se destacado por seu comprometimento com a promoção da igualdade racial e o enfrentamento ao racismo no município. Sua atuação à frente da secretaria tem fortalecido ações voltadas à valorização da cultura negra, promovendo ações empreendedoras para mulheres em comunidades quilombolas. Os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer o projeto “Um olhar para as Marias”. Ediana contribuiu com a discussão do livro *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*, da autora Carolina Maria de Jesus.



Replicabilidade e continuidade do projeto

O projeto “Eu vejo você” surgiu com um propósito claro: abrir caminhos para que estudantes se reconheçam, se expressem e se fortaleçam por meio da leitura e da escuta. O clube de leitura antirracista da Escola Ida Bastos tornou-se um espaço vivo de troca, reflexão e construção coletiva de saberes, em que a literatura negra se transforma em instrumento de respeito e identidade. Após uma etapa inicial, a continuidade do projeto na escola está garantida pela adesão da comunidade escolar, que reconheceu sua importância na formação de cidadãos críticos e conscientes. Nessa nova etapa, o foco foi ampliar a diversidade, de autores lidos, incluindo indígenas e ciganos. Foram mantidos encontros periódicos, com rodas de leitura, debates orientados, produção de textos e intervenções artísticas, promovendo o protagonismo dos estudantes. O projeto continuará como parte do compromisso pedagógico da escola com a valorização da diversidade fortalecendo o papel da educação como agente transformador. Quanto à replicabilidade, o projeto é um exemplo de como ações simples podem gerar grandes transformações. O modelo pode ser implementado em outras escolas com facilidade. A estrutura do clube não exige grandes investimentos, pois utiliza livros acessíveis e atividades como rodas de leitura e debates que podem ser realizadas com poucos recursos. Essa flexibilidade torna o modelo replicável em escolas de diferentes realidades. Portanto, é mais que uma ação pontual: é uma prática pedagógica contínua e transformadora podendo ser replicada e adaptada.

Conclusão do projeto e resultados obtidos

Concluimos em 2024 o projeto “Eu vejo você: o clube da leitura antirracista” com o sentimento de missão cumprida e, ao mesmo tempo, com a certeza de que ainda há muito a ser feito. Por meio da leitura e da troca de experiências, conseguimos criar um espaço de escuta, aprendizado e construção coletiva. Durante os encontros, mergulhamos em histórias que nos desafiaram a olhar com mais atenção para a realidade do

racismo em nossa escola. Cada página lida foi uma oportunidade de reflexão. Cada conversa, uma chance de desconstruir preconceitos e ampliar nossa visão de mundo. Conseguimos estimular a leitura e o engajamento contínuo dos estudantes em debates significativos sobre temas raciais, maior sensibilização para práticas antirracistas no cotidiano escolar, fortalecimento de vínculos entre os estudantes por meio do respeito, reflexões e aprendizados que se desdobraram em novas ações para continuidade do projeto. Ao longo do ciclo do projeto, foram definidas metas quantitativas claras, com o objetivo de mensurar o impacto e o alcance do clube de leitura antirracista. A proposta inicial previa 12 encontros. Todos foram realizados conforme o cronograma, com adesão de 63 estudantes com participação ativa nos encontros, foram lidas e discutidas três obras de referência no debate antirracista, contribuindo para o aprofundamento crítico dos temas propostos, propostos. Garantimos a adaptação dos materiais de leitura e mesa-redonda para possibilitar a participação e acessibilidade dos estudantes com necessidades educativas especiais e tivemos a participação de três convidados em nossos encontros. Uma meta qualitativa do projeto previa firmar parceria com uma livraria, visando facilitar o acesso às obras trabalhadas no clube de leitura antirracista. No entanto, a meta não foi atingida. Apesar de termos realizado contatos com a única livraria que existe na cidade vizinha e apresentado propostas de colaboração, não houve retorno positivo. Mesmo sem essa parceria, conseguimos garantir o acesso aos livros por meio de recursos digitais, exemplares adquiridos com recurso próprio e empréstimos. Em 2025, o projeto ganhou maior visibilidade e reconhecimento, refletido no interesse da Secretaria de Educação em se aproximar da iniciativa. A Secretaria nos procurou com a proposta de adquirir os livros trabalhados durante o ciclo do projeto, com o intuito de incorporar as obras ao acervo da escola. Essa ação sinaliza um avanço importante no processo de institucionalização do clube e na valorização de práticas pedagógicas que promovem a equidade racial e a



valorização da literatura produzida por autores(as) negros(as). A parceria representa também uma possibilidade concreta de ampliar o alcance do projeto, integrando suas práticas ao cotidiano escolar.

Aprendizagens alcançadas e autoavaliação

Durante minha liderança no projeto “Eu vejo você: o clube da leitura antirracista” na Escola Ida Bastos, pude vivenciar a força da educação como ferramenta de transformação. Mediar esse projeto foi mais do que coordenar encontros de leitura: foi abrir espaço para que nossos estudantes se reconhecessem nas histórias, refletissem sobre o mundo ao redor e se sentissem protagonistas das próprias narrativas. Trabalhamos obras como *Na minha pele*, de Lázaro Ramos, que trouxe à tona conversas sobre identidade, autoestima e racismo no cotidiano. Com *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, mergulhamos na dura realidade da favela, compreendendo a importância da escrita como resistência. Já *Menina bonita do laço de fita* encantou os estudantes portadores de necessidades educativas especiais e abriu um diálogo leve e poderoso sobre representatividade e diversidade. Meu compromisso profissional vai além da sala de aula: ele se reflete na escolha de práticas pedagógicas que incentivem o pensamento crítico, na valorização da pluralidade cultural e na luta por uma educação antirracista, transformadora e humanizadora. Participar do clube é reafirmar o papel da História como ferramenta de conscientização e mudança. Além da leitura dos textos, participei de cursos, seminários, rodas de conversa e formações específicas voltadas à temática racial e à educação para as relações étnico-raciais. A autoformação também passou por uma escuta atenta e respeitosa dos estudantes negros e quilombolas, reconhecendo neles sujeitos de saber, com histórias e vivências que devem ser valorizadas. Compreendi que uma educação antirracista precisa nascer do diálogo, da escuta e da construção conjunta de conhecimento, e não apenas da transmissão de conteúdos prontos.

Pra ver se me enxergo!

por **Renata Moura dos Santos**

Escola Municipal de Educação Infantil
Parque Bologna, São Paulo (SP)

Nível de ensino atendido pelo projeto: Educação Infantil

Componente Curricular: Arte

Minirresumo do projeto

O projeto propôs que as crianças pudessem ter referências negras para se enxergar.

Introdução

Sabendo que nossas crianças estão em processo de construção de identidade e este também se dá pela oferta de elementos culturais ao qual têm acesso, penso que é importante oportunizar a elas propostas de trabalho em que possam se conhecer, debater e valorizar a diversidade étnico racial, atendendo às leis 10.639/03 e 11.645/08, promovendo uma educação antirracista, proporcionando e explorando, assim, meios das culturas africanas, indígenas e imigrantes como artes e artistas, brinquedos e brincadeiras, danças, músicas, esculturas, fotografias, livros e histórias que trabalhem a representatividade brasileira. Sendo assim, as professoras Naiany Costa e Renata Moura criaram o projeto que se propôs apresentar às crianças personalidades negras, oriundas



de periferias, inclusive algumas de seu entorno, que apresentassem em suas obras artísticas, fotográficas, musicais e literárias a valorização do território periférico e a riqueza presente na diversidade da população brasileira, bem como valorizar a história da população negra no Brasil e as favelas onde a grande maioria dessa população está inserida. Cabe destacar que, entre as propostas, nos aprofundamos em vivências que pudessem conhecer, debater e valorizar a diversidade étnico racial, atendendo às leis 10.639/03 e 11.645/08, promovendo uma educação antirracista e aumentando autoestima dos estudantes. Trabalhamos os artistas Marcelino Melo (artista visual) com a obra *Quebradinha*, Otávio Júnior (escritor) e Angélica Dass (fotógrafa), entre outros. A ideia é que pudessem se enxergar com referências de artista negros. Algumas propostas que realizamos:

- Leitura dos livros *Na minha janela*, *Amoras*, *Amor de cabelo*, *Meu cabelo de rainha*, *Pequeno príncipe preto*, *Princesas negras*;
- Observação e registro com fotos das casas do entorno da escola, valorizando o bairro e as moradias periféricas;
- Aprofundamento na leitura do livro *Da minha janela*, de Otávio Júnior, a fim de valorizar as casas do nosso bairro;
- Registro digital em fotos das casas do entorno da escola;
- Análise das imagens para conseguir construir as maquetes com criação de lista de materiais, objetos e demais detalhes;
- Biografia do artista Otávio Júnior e Marcelino Melo;
- Vivência e construção de maquete das casas do nosso entorno utilizando como referência o artista Marcelino Melo e sua obra *Quebradinha*;
- Montagem da instalação da maquete para apreciação das outras turmas e familiares;
- Conversa com o artista Marcelino Melo, que veio até a unidade para ver a instalação da maquete e contribuir com suas obras;
- Conhecendo a obra *Humane* e a biografia da artista Angélica Dass;

- Trabalho com a obra *Humane*, da fotógrafa Angélica Dass, para desconstrução dos estereótipos relacionados a tonalidades da pele, realizando autorretrato e reconhecimento das tonalidades da pele e valorizando a diversidade brasileira com montagem de painel de nossa paleta de cores;
- Conhecendo máquinas fotográficas antigas, digitais e atuais para aprofundamento da arte fotográfica.

Apresentação da instituição de ensino

A Emei Parque Bologne está situada no território do Jardim Ângela, zona sul da cidade de São Paulo, uma região periférica com alta densidade populacional e que apresenta o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) igual a 0,750 (Posição 93º). Se por um lado verificamos uma visão estereotipada que de certa forma objetiva associar esse território à pobreza e violência, constatamos uma região vibrante, permeada por coletivos populares que resistem e promovem ações de combate às desigualdades de classe social, raça, gênero e outras. Em um mapeamento inicial, verificamos a presença dos seguintes coletivos nesse território: escolas privadas e públicas, instituições não governamentais, como Cooperifa, Ângela de Cara Limpa, Caminhada pelo fim da violência contra as mulheres, Ciclo S/A, Dedo Verde, Horta orgânica da Dona Santa, A banca, Arco; posto de saúde UBS Jd. Nakamura e comércios de pequeno porte. As famílias das crianças se configuram por homens e mulheres trabalhadores/as, em sua maioria, afrodescendentes, e muitas dessas famílias participam de programas sociais do governo. A escola vem investindo em ações, como questionário socioeconômico, mas principalmente cultural dos educandos e suas famílias, para entendermos melhor o contexto da nossa realidade escolar e assim elaborar estratégias mais eficientes para trazermos essas famílias para dentro da comunidade escolar, tanto para participarem ativamente nas reuniões (pais, APM, Conselho escolar, etc.) como nos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil e, posteriormente, na elaboração de ações planejadas de forma



coletiva (família e escola) para serem implementadas, estabelecendo prazos e solucionando os problemas elencados na primeira avaliação. Incentivamos a participação da família em vários momentos durante o ano letivo.

Justificativa do projeto e pertinência com a necessidade local

Esperávamos que as crianças pudessem valorizar o território, sendo possível exaltar uma comunidade e criar vínculos com seu território, vínculos não estereotipados ou marginalizados, mais de beleza, força, dignidade e transformação. Que pudessem também reconhecer e enaltecer a si mesmos, sentindo-se representados e valorizados, reconhecendo seu entorno e a si mesmos como potência. Esperávamos também ver as crianças mais envolvidas com as questões sociais do seu bairro, valorizando suas raízes se reconhecendo e debatendo com maior riqueza as questões relacionadas à moradia, equidade, racismo e discriminação, desconstruindo estereótipos e valorizando a diversidade presente nas favelas.

Objetivos de aprendizagem

Este projeto tem como objetivo seguir as orientações do Currículo da Cidade de São Paulo para Educação Infantil, que considera a diversidade, a equidade e a inclusão como seus principais eixos para aprendizagem. Ele também considera características e contexto do desenvolvimento infantil e no qual as crianças vivem. Princípios do currículo da cidade: Diversidade – é um campo aberto à diversidade, que não se limita a conteúdos, mas às diferentes formas de aprender. Equidade – considera as diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas e religiosas. Inclusão – considera a diversidade do cotidiano das unidades educacionais, que é marcada por diferentes pessoas. Respeito à dignidade e os direitos das crianças. Direito ao brincar – considera o direito das crianças a brincar, como forma de expressão, pensamento, interação e comunicação.

Metodologia utilizada

A metodologia utilizada foi a ativa, em que a criança pudesse refletir sobre o próprio aprendizado e se tornar consciente do seu protagonismo, indo além de simples conteúdo para desenvolver a consciência social, o pensamento crítico capaz de estimular mais autonomia, a empatia e a capacidade de trabalhar em grupo. Dessa forma, realizamos aprendizagem baseada em projetos e em problemas, buscando ensinar diferentes conceitos às crianças de forma integrada, baseando-se em situações-problema reais do contexto escolar das crianças, buscando recursos em forma de invenção, o que vai envolver hipóteses, investigação, construção de um plano para a solução e muito trabalho coletivo e colaborativo. Ao final, as crianças compartilharam as soluções construídas com toda a comunidade escolar, sendo mediadas pelos professores.

Metas qualitativas

Valorizar o território, sendo possível exaltar a comunidade e criar vínculos com o território, vínculos não estereotipados ou marginalizados, mais de beleza, força, dignidade e transformação. Reconhecer e enaltecer a si mesmos, sentindo-se representados e valorizados, reconhecendo o entorno e a si mesmos como potência. Envolver-se com as questões sociais do seu bairro, valorizando as raízes, reconhecendo-se e debatendo com maior riqueza as questões relacionadas à moradia, equidade, racismo e discriminação. Desconstruir estereótipos e valorizar a diversidade presente nas favelas.

Metas quantitativas

Quase todas as crianças das turmas, cerca de 90%, estavam conhecendo ou envolvidas em alguma parte do projeto em diferentes etapas, porém engajadas e reconhecendo o valor e pertencimento do seu território. Cerca de 70% das crianças participaram das decisões e construções do projeto.



Percebeu-se também que 60% das crianças reconheceram os artistas e suas obras. Durante o projeto, 60% da comunidade escolar se envolveu com apreciação e construção da maquete e fotografias.

Estratégias e instrumentos utilizados para acompanhar a participação dos envolvidos

Registro em diário de bordo sobre as descobertas das crianças, assim como envolvimento nas etapas, ideias e colocações. Construção de relatório individual das aprendizagens. Fotos, vídeos e áudios dos momentos de vivências e pesquisas. A seguir, algumas das falas e descobertas das crianças registradas durante o projeto. Durante a proposta que brincamos com materiais presentes nas construções do bairro, como, pedra, tijolos, areia e canos, H., de 5 anos, construiu uma casa com os blocos utilizando pá e areia, enterrou dois canos, empilhou peneiras e blocos, disse que estava construindo casas igual o seu pai faz e que os tijolos eram iguais aos que seu pai trabalhava. Falava isso com orgulho e manuseava os materiais com grande facilidade e conhecimento. Em outro momento que realizamos a descrição do que observamos nas casas, identificou a cor prata das janelas. Na proposta que fizemos uma maquete do que víamos da nossa janela, B., de 6 anos, ao finalizar a maquete, disse: “Gostei de pintar a casa e fazer as janelas e as portas”, ele ainda se lembrou do nome da obra que nos serviu de inspiração “nome da obra é quebradinha”, também tirou fotos das nossas casas com detalhes e, ao brincar com os materiais de construção, fez um muro com divisórias imitando de forma muito realista o cimento. Durante a proposta que fizemos um autorretrato, A. (criança com Atendimento Educacional Especializado), de 5 anos, me impressionou muito conseguindo se olhar no espelho e desenhar-se na tela, colocando olhos, boca e cabelo com “cachinhos”, como ele mesmo falou, e ficou um tempo admirando o autorretrato dos colegas. Nesse processo,

conseguiu entender a proposta e realizá-la de acordo com as orientações e também gostou muito dos bonecos da maquete, sempre interagindo. No dia da visita do artista Marcelino Melo, ficou impressionado com a obra e a tocava com admiração e envolvimento. Gostou também de pintar as casas e fazia com alegria, gritando e sorrindo: “Casa, minha”.

Na proposta que fizemos uma maquete do que víamos da nossa janela, L., de 6 anos, identificou as lajes e as caixas de água, falando: “Igual à minha casa”. Também construiu uma casa com os tijolos e disse: “A casa do Quebradinho é igual a minha”. Ele faz nossas casas pequenininhas. Tem até laje e varal, igual lá em casa”. Mostrou-se estar atenta e envolvida no projeto.

Dificuldades enfrentadas antes e durante o desenvolvimento do trabalho

As dificuldades encontradas envolveram a escassez de recursos e materiais para a realização das propostas, assim como também a desconstrução das falas pejorativas sobre a favela e seus moradores, valorização de sua autoestima e envolvimento dos familiares e totalidade da comunidade escolar, que, por vezes, não dispunham de tempo ou interesse na proposta.

Relação do trabalho pedagógico com o entorno da escola, questões locais, com ações e políticas existentes e com as organizações sociais que atuam na região

Durante o projeto, conseguimos conversar com o artista Marcelino Melo, que é reconhecido nacionalmente e que reside nas proximidades do nosso território, conhecendo nossas demandas. Ele aceitou o convite e veio ao espaço prestigiar a proposta das crianças e apresentar seu trabalho, envolvendo-se de maneira significativa nas questões locais do nosso bairro, compartilhando suas ações de valorização da favela e acolhendo as ideias de transformações das crianças.



Ainda nas descobertas da nossa favela, expomos diferentes espaços culturais e de lazer presentes para que as famílias e crianças pudessem reivindicá-las e utilizá-las, como CEU (Centro Educacional Unificado), represa Guarapiranga, praças e parques municipais e estaduais, como Guarapiranga e Ecológico, oportunizando acesso a esses locais. Também apresentamos organizações sociais e núcleos de assistência social atuantes no território.

Replicabilidade e continuidade do projeto

Acreditamos que, por se tratar de um projeto que realiza o debate e valoriza a diversidade étnico-racial, atendendo às leis 10.639/03 e 11.645/08 e promovendo uma educação antirracista, sua continuidade se faz importante, devendo ser realizado anualmente na unidade, pois assim poderemos trazer outras referências negras e também indígenas que apresentem em suas obras artísticas, fotográficas, musicais e literárias a valorização do território periférico e a riqueza presente na diversidade da população brasileira, bem como valorizar a história dessas populações na formação e atualidade do Brasil. Visto que a unidade escolar encontra-se no Distrito do Jardim Ângela, a continuidade desse projeto trará visibilidade e valorização dessas crianças que convivem diariamente com olhares discriminatórios, pois, além de atender às leis 10.639/03 e 11.645/08, promoveremos uma educação antirracista e o aumento da autoestima desses estudantes.

Conclusão do projeto e resultados obtidos

O Currículo da Cidade – Educação Infantil (2019) revela que aprender a observar e a escutar os bebês e as crianças é o desafio dos professores, pois é preciso considerar a educação como um processo no qual as demandas das crianças, seus interesses e suas necessidades geram processos coletivos de ampliação e aprofundamento das

experiências. Dessa forma, durante este projeto pudemos observar, entre as vivências propostas, grandes conquistas no desenvolvimento das crianças, como autonomia, protagonismo, cooperação e empatia. Cabe dizer ainda que durante a realização do projeto as crianças conseguiram se envolver muito, valorizando suas raízes, reconhecendo-se e debatendo com maior riqueza as questões relacionadas a racismo e discriminação. Concluímos que o trabalho com este projeto se tornou importante e relevante, pois utilizou-se de metodologias ativas, ou seja, as propostas foram construídas com as crianças e para as crianças que se engajaram e pertenceram ao projeto, olhando para si, para o outro e para o seu território com maior delicadeza, orgulho, acolhimento e valorização.

Aprendizagens alcançadas e autoavaliação

As professoras também levaram em conta o Currículo da Cidade – Educação Infantil, de São Paulo (2019), que revela que aprender a observar e a escutar os bebês e as crianças é o desafio dos professores, pois é preciso considerar a educação como um processo no qual as demandas das crianças, seus interesses e suas necessidades geram processos coletivos de ampliação e aprofundamento das experiências. Observamos que as crianças possuíam uma imagem muito pejorativa da sua comunidade, utilizando a expressão “favela” como algo menor ou ruim, assim como a autoimagem, não se sentindo representada e pertencente socialmente. Ao observar essas manifestações, propomos a realização de um projeto que ampliasse o olhar e reconhecessem a importância do território, em que a instituição se situa para favorecer a aprendizagem e a autoestima dos estudantes, além de permitir vivências mais significativas para que reconhecessem a potência que é a favela atualmente, com sua população em sua maioria negra, trabalhadora, criativa e transformadora.



Inovação e Tecnologia

A tecnologia tem desempenhado papel transformador na sociedade, e sua incorporação na educação é fundamental para o desenvolvimento das habilidades dos estudantes e para prepará-los para os desafios do século XXI. No contexto do Prêmio Educador Nota 10, o eixo **Inovação e Tecnologia** reconhece projetos que alinham as práticas pedagógicas ao potencial das tecnologias para promover a comunicação, a produção de conhecimento e o aprendizado significativo.

Os projetos inscritos neste eixo buscam utilizar a tecnologia não apenas como uma ferramenta, mas como um meio de ampliar as possibilidades educacionais. Por meio do uso de novas mídias e da cultura digital, esses projetos permitem que os estudantes se apropriem das linguagens tecnológicas, desenvolvendo habilidades de multiletramento, pensamento crítico e resolução de problemas de forma criativa.

Ao incorporar tecnologias emergentes, as escolas oferecem aos alunos a oportunidade de aprender de maneira mais dinâmica, personalizada e interativa. Além disso, ao integrar a tecnologia de forma inovadora, esses projetos incentivam os estudantes a utilizar ferramentas digitais para buscar informações, analisar dados e criar soluções para problemas



reais. Isso os capacita a serem não apenas consumidores de conteúdo digital, mas também criadores e inovadores, preparando-os para enfrentar um mundo cada vez mais interconectado e tecnológico.

Os projetos deste eixo vão além do simples uso de dispositivos tecnológicos: buscam transformar a maneira como o conhecimento é compartilhado e construído, utilizando as tecnologias para criar formas de ensino e aprendizagem. Proporcionam também aos estudantes a oportunidade de explorar, experimentar e colaborar por meio de tecnologias inovadoras, ajudando-os a formar uma comunidade escolar capaz de desenvolver soluções criativas e impactantes, que podem transformar suas comunidades e o mundo ao redor.

Com foco na inovação, esses projetos preparam os alunos para o futuro e incentivam a adoção de uma mentalidade criativa e empreendedora, essencial para o desenvolvimento de novas ideias e a resolução dos desafios contemporâneos.

Meu futuro nesta sociedade

por **Claudia Amaral**

**PEI Escola Estadual Cásper Líbero,
Bragança Paulista (SP)**

Teoria como libertação: levantando as trabalhadoras domésticas

Nível de ensino atendido pelo projeto: 2ª série - Ensino
Médio

Componente Curricular: Língua Estrangeira

e Adultos

Minirresumo do projeto

Componente Curricular: Línguas e suas tecnologias

Projeto com foco na língua inglesa e intercâmbio virtual para refletir sobre educação financeira, pobreza, economia e empatia.

Este projeto tem como objetivo se debruçar sobre as experiências de trabalho dos estudantes da EJA.

Introdução

Diante dos desafios contemporâneos enfrentados pela sociedade, um projeto de caráter internacional propôs-se a trabalhar com temas socialmente relevantes, com o objetivo de fomentar a reflexão crítica dos estudantes sobre seu lugar, porque o trabalho é tema central na experiência de vida de muitos.

Os estudantes da EJA se caracterizam por serem trabalhadores-estudantes; a palavra trabalhador vem em primeiro lugar, porque o trabalho é tema central na experiência de vida de muitos. A maioria das alunas e dos alunos nasceu na periferia da cidade de São Paulo, as favelas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e o projeto busca promover uma educação que vá além do trabalho. De conteúdos acadêmicos, mas também de cidadania, de envolvimento da comunidade. Silvestre, Tais, Paloma, para não citar nomes, são estudantes da BNCC, e suas experiências de vida são o ponto de partida para a construção de conhecimentos, habilidades



cognitivas, práticas e socioemocionais, bem como atitudes e valores capazes de auxiliar na resolução de problemas complexos da vida cotidiana, no exercício pleno da cidadania e nas demandas do mundo do trabalho. Nesse contexto, o ensino da língua inglesa desempenhou um papel fundamental não apenas como instrumento de comunicação global, mas também como meio de ampliar a visão de mundo dos alunos. Ao utilizarem o inglês como ferramenta de aprendizagem, os estudantes puderam acessar diferentes culturas, refletir sobre realidades diversas e desenvolver uma consciência mais ampla e crítica sobre questões sociais, históricas e econômicas que transcendem as fronteiras locais. Assim, a proposta educativa fundamentou-se na perspectiva da educação integral, que reconhece a escola como espaço de transformação social, no qual o domínio de uma língua estrangeira fortalece a autonomia intelectual e o engajamento ético dos jovens na construção de uma sociedade mais justa, empática e inclusiva.

Apresentação da instituição de ensino

A Escola Estadual Cásper Líbero, localizada em Bragança Paulista/SP, integra o Programa de Ensino Integral (PEI), uma proposta educacional inovadora que visa o desenvolvimento integral dos estudantes por meio de uma formação acadêmica sólida, aliada à construção de valores, atitudes e competências essenciais para a vida pessoal, profissional e social. Com foco no protagonismo juvenil, a E.E. Cásper Líbero incentiva a autonomia dos alunos, o trabalho em equipe, a responsabilidade social e a elaboração de um projeto de vida consistente. As práticas pedagógicas são pautadas em metodologias ativas e na interdisciplinaridade, buscando tornar o processo de aprendizagem mais significativo e conectado com a realidade dos estudantes. A escola valoriza o ambiente acolhedor, a escuta ativa, o respeito à diversidade e o compromisso com uma educação humanizada e transformadora. O trabalho coletivo entre equipe gestora, professores, alunos

e comunidade escolar fortalece vínculos e cria um espaço onde o conhecimento e os valores caminham lado a lado. Alinhada às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a E.E. Cásper Líbero promove o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais, preparando os jovens para os desafios do século XXI e para o exercício pleno da cidadania. A instituição acredita que a educação é uma ferramenta poderosa para transformar vidas e construir uma sociedade mais justa, consciente e solidária.

Justificativa do projeto e pertinência com a necessidade local

Um projeto internacional visa abordar tópicos relacionados a questões sociais contemporâneas, incentivando os alunos a refletir criticamente sobre seus papéis na sociedade e na educação.

Alinhada à BNCC, a proposta busca desenvolver competências que ultrapassam o conhecimento acadêmico tradicional. Segundo a BNCC, essas competências envolvem a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para enfrentar demandas complexas da vida cotidiana, da cidadania e do trabalho. A temática é desafiadora, pois exige conhecimento de mundo, educação e sensibilidade social. A competência 10 da BNCC destaca a importância de agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões baseadas em princípios éticos, democráticos e sustentáveis. Tais ações fomentam a compreensão das desigualdades sociais e apontam caminhos para sua superação. No projeto “Meu futuro nesta sociedade”, entende-se que a escola deve trazer a diversidade e a realidade dos alunos para o centro do processo pedagógico, promovendo valores humanos de forma intencional e duradoura. Reconhecer os alunos como protagonistas e interlocutores legítimos no currículo, ensino



e aprendizagem fortalece sua autonomia e engajamento. Atividades temáticas e extracurriculares favorecem a reflexão sobre a atualidade, pois “é na prática social que se desenvolve a aprendizagem” (Vygotsky, 1991). A escola tem o papel de garantir que, ao final da Educação Básica, especialmente no Ensino Médio, o estudante aprofunde os conhecimentos adquiridos e esteja preparado para os estudos futuros, para o trabalho e para uma atuação social crítica e engajada. Isso exige que o ensino esteja conectado aos interesses dos alunos e aos desafios do mundo contemporâneo. Projetos internacionais podem cumprir esse papel ao propor temas globais e urgentes, incentivando os alunos a refletir sobre o mundo e projetarem seus futuros de forma mais consciente. Essa abordagem desenvolve competências essenciais para a vida pessoal, acadêmica e profissional. A Língua Inglesa, nesse contexto, torna as aulas mais dinâmicas e funcionais, permitindo que os estudantes ampliem a compreensão do mundo, exponham ideias, argumentem e desenvolvam a capacidade crítica e discursiva em diversas áreas do conhecimento (BNCC, 2018).

Objetivos de aprendizagem

O projeto tem como objetivos:

Aproximar o aluno da realidade de vida e atualidades;

Ter noção de educação financeira aliada ao projeto de vida;

Saber da importância de um bom relacionamento internacional.

Metodologia utilizada

Primeiramente, a professora de inglês entra em contato com uma escola nos Estados Unidos e, em acordo, fazem atividades nas aulas que tragam reflexões sobre o tema pobreza, troquem informações sobre os países e vida, além dos alunos se apresentarem e se conhecerem por meio de um *padlet*, *slides* e das aulas *on-line*. No Brasil,

os alunos trabalharam sobre importação e exportação, usando o algodão como exemplo, e desenvolveram uma página na internet para divulgar o trabalho com o tecido criado e roupas, pois trabalharam produto e lucro. Com o salário-mínimo vigente em 2024 e um salário de 5 mil reais, puderam refletir sobre como sobreviver com eles e quais profissões, alimentação e gastos são compatíveis a esses salários, tendo uma visão global de seu futuro e assim idealizar melhor seu projeto de vida.

Metas qualitativas

Notou-se que houve aumento das notas da prova paulista de inglês do segundo semestre de 2024 e continuou refletindo e melhorando em 2025, o que mostra que houve consciência dos alunos. Também há vários alunos que falam o inglês fluente atualmente.

Metas quantitativas

Houve uma melhoria nos indicadores de desempenho da disciplina de Inglês, não só de alunos atuantes no projeto mas de todos os alunos da 2ª Série do Ensino Médio, em 2024.

Estratégias e instrumentos utilizados para acompanhar a participação dos envolvidos

Vídeos, fotos, *slides* e indicadores de desempenho.

Dificuldades enfrentadas antes e durante o desenvolvimento do trabalho

Durante o desenvolvimento do projeto, diversas dificuldades foram enfrentadas pelos alunos e professores. Uma das principais foi a limitação no domínio da língua inglesa, o que dificultou a compreensão de textos, a produção escrita e a comunicação oral em atividades propostas.

Muitos estudantes demonstraram insegurança ao falar inglês, especialmente em situações de interação com conteúdo internacionais ou apresentações em grupo. Além disso,



a produção de textos reflexivos e argumentativos exigiu um esforço maior, pois envolvia não apenas a escrita em outro idioma, mas também a organização de ideias complexas sobre temas sociais relevantes. Houve ainda desafios relacionados à articulação entre as diferentes áreas do conhecimento e à adaptação às metodologias mais autônomas e colaborativas, exigidas por um projeto interdisciplinar. Apesar dessas dificuldades, os obstáculos foram tratados como oportunidades de crescimento, promovendo avanços significativos na autonomia, na confiança e nas competências linguísticas e críticas dos alunos.

Relação do trabalho pedagógico com o entorno da escola, questões locais, com ações e políticas existentes e com as organizações sociais que atuam na região

O trabalho pedagógico realizado na E.E. Cásper Líbero busca sempre estar alinhado às realidades e necessidades da comunidade escolar. O protagonismo juvenil e o engajamento com questões locais já fazem parte da realidade da escola. Os temas abordados nos projetos são pensados a partir do cotidiano dos estudantes, permitindo que eles reconheçam seu papel social e compreendam as múltiplas dimensões que os cercam. No entanto, um dos principais desafios enfrentados é o baixo nível de fluência em língua inglesa. A maioria dos alunos tem pouco contato com o idioma fora do ambiente escolar, o que dificulta o desenvolvimento da oralidade, da compreensão e da produção textual. Por isso, o trabalho com a língua precisa ir além da gramática e envolver interações reais, dinâmicas e significativas. É justamente por meio dessas interações, dentro de projetos e atividades contextualizadas, que os estudantes começam a ampliar sua fluência, perdendo o medo de errar e ganhando mais confiança para se expressar em inglês.

Replicabilidade e continuidade do projeto

Há constantes replicabilidades na DE [Diretoria de Ensino] de Bragança Paulista e no curso Multiplica SP (curso da Seduc).

Conclusão do projeto e resultados obtidos

A conclusão é que o projeto internacional traz a realidade para a sala de aula com interações por meio das atividades propostas e, com base na proposta da BNCC, é possível concluir que o ensino da língua inglesa vai além da simples aquisição de vocabulário e estruturas gramaticais: ele assume um papel significativo na formação crítica e cidadã dos estudantes, promovendo não apenas a comunicação em um idioma global, mas também o desenvolvimento de competências essenciais para a vida em sociedade.

Ao tornar as aulas mais dinâmicas e funcionais, os alunos são incentivados a refletir sobre temas diversos, confrontar diferentes pontos de vista, construir argumentos e valorizar a diversidade cultural. Isso contribui diretamente para o exercício da cidadania e para o engajamento em questões contemporâneas de maneira ativa e responsável.

Além disso, o contato com múltiplas fontes de informação em inglês amplia o repertório dos estudantes, potencializando sua atuação em contextos acadêmicos, profissionais e pessoais. A língua inglesa, portanto, deixa de ser apenas um conteúdo escolar para se tornar uma ferramenta de acesso ao conhecimento, à inclusão e à transformação social. Nesse cenário, o papel do educador é fundamental: ele deve mediar experiências significativas, promover o pensamento crítico e garantir que todos tenham voz, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais relevante, inclusivo e conectado à realidade dos estudantes.



Aprendizagens alcançadas e autoavaliação

Durante o desenvolvimento do projeto internacional na Escola Estadual Cásper Líbero, os alunos vivenciaram um processo significativo de aprendizagem que ultrapassou os limites da sala de aula. Ao abordar o tema da pobreza e suas implicações sociais, os estudantes foram convidados a refletir criticamente sobre o seu papel na sociedade e a importância de uma educação de qualidade para transformar realidades. A proposta permitiu que os alunos percebessem com mais clareza as desigualdades sociais que os cercam e compreendessem que a falta de acesso à educação pode comprometer seriamente o futuro de muitas pessoas. Essas reflexões foram essenciais para despertar o senso de responsabilidade individual e coletiva. Outro ponto de destaque foi a oportunidade de refletirem sobre os próprios projetos de vida. Os estudantes passaram a valorizar ainda mais aspectos fundamentais como ética, respeito e perseverança, compreendendo que esses valores são pilares para a construção de um futuro mais justo e equilibrado. Além disso, reconheceram a importância da língua inglesa como ferramenta de comunicação global e acesso a novas oportunidades, tanto acadêmicas quanto profissionais. Também foi trabalhada a educação financeira, tema que proporcionou consciência sobre o uso responsável dos recursos e a importância de planejar o futuro com inteligência e autonomia. Na autoavaliação, os alunos destacaram que conseguiram ampliar a visão de mundo, desenvolver habilidades de argumentação, empatia e cooperação.

Reconheceram ainda que todo o conteúdo abordado pode ser aplicado em situações reais do dia a dia e que o aprendizado adquirido neste projeto representa um passo importante em direção a uma formação cidadã e integral.

Circuito de atletismo

por Jeyze Duarte Martins

Escola Estadual de Ensino Médio
Murumuru, Monte Alegre (PA)

Nível de ensino atendido pelo projeto: 3ª série – Ensino Médio

Componente Curricular: Educação Física

Minirresumo do projeto

Alunos da 3ª série organizam evento esportivo com práticas do atletismo na escola.

Introdução

O projeto “Circuito de atletismo” promove o protagonismo dos alunos da 3ª série do Ensino Médio por meio da organização e realização de um evento esportivo pedagógico. A atividade contempla o componente Educação Física, incentivando a aprendizagem ativa e colaborativa dos conteúdos relacionados ao atletismo.

Apresentação da instituição de ensino

O projeto foi implantado na Escola Estadual de Ensino Médio Murumuru, anexo I, que funciona como sede para as comunidades de Monte Alegre atendidas pela DRE Monte Alegre, no estado do Pará, na comunidade KM35. A unidade



escolar opera dentro da modalidade Some (Sistema Modular de Ensino), que, há mais de 45 anos, oferece Ensino Médio dentro das comunidades do interior do estado, garantindo o acesso à educação a estudantes que vivem em áreas rurais e de difícil acesso. Na região de Monte Alegre e Alenquer, o Some atende atualmente 11 comunidades no regime modular, promovendo inclusão educacional, respeito às especificidades locais e continuidade dos estudos para populações que historicamente enfrentam barreiras geográficas e sociais para acessar a escola regular.

Justificativa do projeto e pertinência com a necessidade local

Diante da necessidade de aprofundar os conhecimentos práticos sobre o atletismo e de estimular o protagonismo juvenil, o projeto foi criado para que os alunos assumissem a função de mediadores do conhecimento. Além disso, o projeto promove a socialização, o trabalho em equipe e a valorização do esporte como ferramenta educativa e de integração escolar.

Objetivos de aprendizagem

Compreender os fundamentos, regras e modalidades do atletismo por meio de pesquisa e aplicação prática. Desenvolver habilidades de comunicação, mediação e liderança na apresentação de conteúdos. Estimular o protagonismo juvenil por meio da organização de um evento esportivo. Integrar diferentes turmas e promover o espírito de colaboração e respeito. Vivenciar o atletismo como prática corporal educativa e inclusiva.

Metodologia utilizada

O projeto foi desenvolvido em três etapas principais, com foco no protagonismo dos alunos da 3ª série do Ensino Médio, que atuaram como pesquisadores, organizadores e mediadores do conhecimento. Na primeira etapa, os estudantes mergulharam no estudo do conteúdo de atletismo, realizando

pesquisas teóricas, confeccionando maquetes, painéis informativos e materiais didáticos sobre as modalidades, regras e fundamentos do atletismo. Esse material foi apresentado de forma didática e interativa às turmas da 1ª e 2ª séries, promovendo um momento de troca de saberes e aproximação com a prática esportiva. Na segunda etapa, os alunos iniciaram o planejamento do evento esportivo. Eles decidiram quais provas de cada modalidade do atletismo seriam ofertadas, organizaram as equipes de apoio, definiram materiais necessários e se responsabilizaram por toda a logística do evento – desde marcações de pista até funções de arbitragem e orientação das equipes participantes. Na terceira e última etapa, foi realizada a execução do Circuito de atletismo, no qual os alunos da 3ª série atuaram como monitores e árbitros das competições. As turmas da 1ª e 2ª séries participaram das provas organizadas, vivenciando o atletismo na prática. O evento foi encerrado com a premiação simbólica dos estudantes que se destacaram, valorizando o esforço, a participação e o espírito esportivo de todos os envolvidos.

Metas qualitativas

Promover a apropriação crítica e criativa dos conteúdos de atletismo. Incentivar a autonomia dos alunos da 3ª série no planejamento e execução de atividades. Fortalecer os vínculos entre as turmas, promovendo integração e respeito mútuo. Estimular o senso de responsabilidade, organização e trabalho em equipe.

Metas quantitativas

Envolver 100% dos alunos da 3ª série na pesquisa, elaboração de materiais e condução do projeto. Realizar apresentações didáticas para no mínimo três turmas do Ensino Médio. Organizar pelo menos uma modalidade de cada tipo de prova (corrida, salto ou arremesso) no evento final. Alcançar a participação de pelo menos 80% dos alunos das turmas de 1ª e 2ª séries nas atividades do circuito.



Estratégias e instrumentos utilizados para acompanhar a participação dos envolvidos

Observação direta dos professores durante as etapas de pesquisa, apresentação e execução do evento. Registro fotográfico e audiovisual das atividades. Fichas de autoavaliação e avaliação entre pares. Relatos orais e escritos dos alunos sobre o processo e os aprendizados. Lista de presença nas atividades e participação efetiva nas funções (organização, arbitragem, execução).

Dificuldades enfrentadas antes e durante o desenvolvimento do trabalho

Entre os principais desafios enfrentados estiveram a limitação de materiais e infraestrutura adequada para a prática de algumas provas do atletismo, exigindo criatividade e adaptação por parte dos alunos e professores. Também houve dificuldades relacionadas à gestão do tempo e à divisão de tarefas de forma equilibrada entre os grupos. No entanto, a colaboração e o diálogo constante entre os estudantes permitiram a superação dessas barreiras, fortalecendo o espírito de equipe e a resiliência.

Relação do trabalho pedagógico com o entorno da escola, questões locais, com ações e políticas existentes e com as organizações sociais que atuam na região

O projeto possibilitou a integração dos estudantes com a comunidade escolar, valorizando o espaço físico e social da escola. Alguns alunos do Ensino Fundamental foram convidados a prestigiar o evento final, promovendo maior vínculo entre escola e comunidade. O projeto também dialoga com políticas públicas de valorização da educação integral e da cultura corporal de movimento.

Replicabilidade e continuidade do projeto

A metodologia do projeto pode ser aplicada a outras práticas esportivas, ampliando seu impacto nos anos seguintes. A proposta é que turmas futuras assumam a organização do Circuito de atletismo anualmente, institucionalizando o projeto como uma prática pedagógica contínua.

Conclusão do projeto e resultados obtidos

O Circuito de atletismo consolidou-se como uma experiência enriquecedora, unindo teoria e prática, com excelente adesão dos estudantes e reconhecimento da comunidade escolar. Os alunos desenvolveram competências como liderança, responsabilidade e domínio dos conteúdos da Educação Física.

O projeto proporcionou uma vivência significativa para toda a comunidade escolar, especialmente para os alunos da 1ª e 2ª séries do Ensino Médio. Através das apresentações e da organização do evento esportivo pelos alunos da 3ª série, os demais estudantes puderam conhecer de forma prática e didática as diferentes modalidades do atletismo, compreendendo suas regras, seus fundamentos e a importância dessa prática esportiva para a saúde e o desenvolvimento corporal. O contato com as diversas provas – como corrida, salto e arremesso – despertou o interesse dos alunos mais novos e ampliou a visão que tinham sobre o atletismo, reconhecendo-o não apenas como um conteúdo da disciplina de Educação Física mas como uma possibilidade concreta de vivência esportiva, lazer e até mesmo formação cidadã. Assim, o projeto fortaleceu o protagonismo juvenil, o trabalho em equipe e a integração entre as turmas, consolidando-se como uma proposta de grande impacto pedagógico.

Aprendizagens alcançadas e autoavaliação

O projeto proporcionou aprendizagens significativas tanto no aspecto cognitivo quanto no socioemocional. Os alunos da 3ª série desenvolveram competências como pesquisa



autônoma, organização de informações, comunicação oral, trabalho em equipe e liderança, além de aprofundarem os conhecimentos sobre as modalidades do atletismo. Ao ensinar os colegas, vivenciaram a experiência de mediação de saberes, reforçando o conteúdo estudado e exercitando habilidades pedagógicas e de empatia. As turmas da 1ª e 2ª séries também ampliaram a compreensão sobre o atletismo, vivenciando-o de forma prática e acessível. Muitos estudantes relataram entusiasmo e vontade de continuar praticando as modalidades aprendidas. Na autoavaliação, os alunos destacaram como pontos positivos: a oportunidade de assumir responsabilidades reais, a superação de medos relacionados à fala em público e a sensação de pertencimento ao ver o evento sendo realizado com sucesso. Como pontos a melhorar, citaram a necessidade de mais tempo para ensaios e melhor divisão de tarefas em algumas equipes, o que será considerado em projetos futuros. No geral, o projeto foi avaliado de forma altamente positiva pelos envolvidos, com evidências claras de crescimento individual e coletivo.

Chegadas e partidas: histórias que se conectam!

por **Priscila Fabiana Rodrigues Terencio**

**Escola Estadual Ângelo Scarabucci,
Franca (SP)**

Nível de ensino atendido pelo projeto: 6º ano – Ensino Fundamental – Anos Finais

Componente Curricular: Gestão/Coordenação

Minirresumo do projeto

O projeto une tecnologia, cultura, troca de experiências e pertencimento para transformar.

Introdução

Este trabalho conta histórias de pessoas, histórias que transformaram um lugar com as diversas identidades que por ali passaram, daquelas que partiram e das que chegaram. Como afirma Marilena Chauí, no Brasil, muitas vezes se confunde cultura com a mera posse de conhecimentos, como se existissem pessoas “cultas” e “incultas”. No entanto, a essência da cultura vai muito além: ela vem do verbo latino *colere*, que significa cuidar – assim como a agricultura é o cuidado da terra, a puericultura é o cuidado das crianças, e o culto religioso é o cuidado do sagrado. Cultura, em sua raiz, é a capacidade humana de se relacionar com o ausente, de materializar o invisível por meio de símbolos, linguagem e trabalho.

É o que nos permite resgatar o passado, viver o presente e projetar o futuro, tecendo memórias e identidades coletivas. Foi com essa perspectiva que o projeto se desenvolveu, valorizando a escuta, a empatia e o diálogo como pilares de uma educação transformadora. Tudo começou com a elaboração participativa da Proposta Pedagógica, um documento vivo que se tornou um almanaque digital, registrando saberes, vivências e informações da escola. Ao longo do processo, professores, alunos e moradores resgataram memórias locais, debateram histórias esquecidas e, finalmente, consolidaram suas descobertas em um documentário, uma forma de eternizar vozes que, de outra maneira, poderiam permanecer silenciadas. Inspirado nos princípios da pedagogia crítica e da gestão democrática, o projeto ultrapassou os limites da sala de aula, integrando-se ao cotidiano do bairro e desafiando estigmas sociais. Por meio de eletivas interdisciplinares, atividades colaborativas e tecnologias acessíveis, como os QR Codes que conectaram a escola à comunidade, os estudantes se tornaram protagonistas das próprias histórias, enquanto a escola se firmou como um espaço de reflexão, criação e pertencimento. Ao utilizar tecnologia, inovação pedagógica e engajamento comunitário, o projeto demonstrou que ferramentas digitais podem transformar a educação em um processo dinâmico e inclusivo. Sua força reside na simplicidade das soluções e no poder de conectar histórias, tornando a escola um centro de criatividade e transformação social.

Apresentação da instituição de ensino

A escola foi fundada em 1958. Ao longo de sua história, enfrentou inúmeros desafios, incluindo estigmas relacionados a resultados educacionais insatisfatórios e à violência. Atualmente, atende alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, com idades entre 10 e 18 anos, em período integral. Localizada em um bairro central da cidade de Franca (SP), a escola recebe estudantes de famílias com poder econômico

baixo a médio. Cerca de 77% dos alunos moram nas proximidades, enquanto 23% vêm de bairros mais distantes. A região é marcada por vulnerabilidades sociais, econômicas e ambientais, o que expõe seus moradores a maiores riscos de discriminação e dificuldades. No entanto, destaca-se pelo acolhimento e pela afetividade presentes na comunidade. Em 2016, a escola aderiu ao Programa de Ensino Integral (PEI), e sua equipe foi renovada com profissionais vindos de diversas instituições vinculadas à Diretoria de Ensino de Franca. O Projeto Ensino Integral proporciona aos alunos mais tempo na escola e vivências que vão além da Base Nacional Comum Curricular, por meio de disciplinas diversificadas. Essas atividades aprofundam o conhecimento, preparam para a vida acadêmica e profissional e fortalecem o exercício da cidadania. Desde então, a escola superou adversidades com o apoio da comunidade e tornou-se referência em acolhimento e desempenho, considerando aspectos emocionais, comportamentais e cognitivos – refletidos em avaliações internas e externas. Em 2015, estava entre as 10 piores escolas nos *rankings* educacionais de Franca. Hoje, está entre as melhores no Ensino Fundamental e Médio, com destaque nas avaliações estaduais e federais.

Justificativa do projeto e pertinência com o projeto político-pedagógico da Escola

O modelo pedagógico da escola baseia-se em um currículo integral e diversificado, que combina aulas regulares com atividades complementares. Esse processo desenvolve-se com a participação contínua de estudantes, professores e da equipe gestora em todos os espaços e momentos escolares. O objetivo é consolidar inovações em conteúdo, método e gestão, operacionalizadas por meio de modelos pedagógicos e de gestão específicos, cada um com as próprias metodologias. A formulação desse modelo está ancorada em uma visão particular de ser humano e de sociedade. Assim, nosso trabalho



estrutura-se em torno de quatro princípios educativos: os quatro Pilares da Educação para o Século XXI, a Educação Interdimensional, a Pedagogia da Presença e o Protagonismo Juvenil. Na proposta pedagógica da escola, um dos objetivos é oferecer acesso a um amplo conhecimento, garantido por uma educação geral que articula o local e o global. Por meio deste projeto, foi possível integrar as disciplinas, desenvolver um trabalho prático e olhar para o outro, reconhecendo as potencialidades de todos na comunidade escolar. Além disso, nossa missão é formar jovens com excelência acadêmica, apoiando integralmente seus projetos de vida, seu desenvolvimento pessoal, sua formação ética e o estímulo à autonomia intelectual, ao pensamento crítico e científico. A vivência dessas situações na prática consolida nossos propósitos, privilegiando a integração do conhecimento. Neste projeto, todos tiveram a oportunidade de reconhecer suas identidades, exercitar a solidariedade, agir com afeto e construir aprendizagens no espaço escolar em suas múltiplas dimensões, criando um ambiente de exercício da verdadeira cidadania.

Justificativa do projeto e pertinência com a necessidade local

Em 2024, devido às mudanças estruturais na rede estadual, metade da equipe docente foi remanejada para outras unidades escolares, sendo substituída por novos profissionais oriundos de diferentes escolas da rede. O projeto constituiu-se com base em estratégias formativas, na coesão da equipe e no movimento de escuta dos profissionais, dos alunos e da comunidade. A partir da análise de dados coletados com os alunos e a comunidade, e a valorização dos profissionais novos e veteranos, observou-se a expectativa de que a escola seja um espaço para produção e disseminação de cultura. Assim, tornou-se necessário desenvolver um trabalho de resgate de memórias, promover a discussão dos saberes e fortalecer a identidade da comunidade por meio de atividades

práticas, estabelecendo uma conexão entre passado e presente. É nesse contexto que surge o projeto de resgate de memórias dos profissionais, dos alunos e da comunidade. Diante do cenário docente do ano vigente, a coordenação pedagógica adotou como estratégia o trabalho interdisciplinar, formando duplas de professores de áreas distintas, com foco na formação entre pares. A formação de uma nova equipe e a construção de uma identidade coletiva exigiram um esforço conjunto e coordenado. O projeto interdisciplinar mostrou-se uma ferramenta potente para atingir esses objetivos, promovendo a integração da equipe, o desenvolvimento de um senso de comunidade e a construção de conhecimentos compartilhados, com o uso de tecnologias disruptivas. Este trabalho relata uma forma de unir os saberes da equipe, potencializando a colaboração e resgatando a identidade da comunidade, para que todos se sintam pertencentes.

Objetivos de aprendizagem

Integrar ferramentas tecnológicas acessíveis para fortalecer a conexão entre todos os envolvidos. Promover a cultura digital por meio da produção de conteúdos midiáticos como forma de valorizar histórias locais e identidades. Fomentar a inovação pedagógica com metodologias ativas e interdisciplinares, utilizando tecnologias disruptivas para engajar alunos, professores e comunidade. Incentivar a troca de saberes entre docentes veteranos e novos, valorizando experiências pedagógicas de sucesso. Fortalecer a identidade profissional dos educadores por meio da formação continuada e do trabalho em equipe. Incorporar as vozes de alunos, responsáveis e professores em um processo democrático de construção curricular. Desenvolver um currículo contextualizado, alinhado às necessidades e realidades locais. Resgatar memórias da comunidade por meio de pesquisas, entrevistas e registros audiovisuais. Desmistificar estigmas sociais e fortalecer o sentimento de pertencimento dos alunos em relação ao



bairro e à cidade. Promover a integração de diferentes áreas do conhecimento por meio de projetos temáticos. Incentivar a investigação, a resolução de problemas reais e o protagonismo estudantil. Criar um almanaque digital que conte a história da escola e registre as ações que marcaram sua trajetória. Estabelecer parcerias com moradores, artistas e especialistas locais para enriquecer as atividades pedagógicas. Promover eventos culturais que integrem a comunidade ao ambiente escolar. Incentivar a expressão artística, a escrita e a comunicação oral por meio de atividades culturais e midiáticas. Promover a colaboração, a empatia e o respeito às diferentes perspectivas históricas e sociais. Garantir que a coordenação pedagógica atue como mediadora entre professores, alunos e comunidade. Assegurar que as decisões educacionais sejam coletivas, refletindo os princípios da gestão democrática.

Metodologia utilizada

O projeto iniciou com o acolhimento da equipe docente, que priorizou a socialização de experiências bem-sucedidas. Professores veteranos compartilharam vivências positivas da instituição, enquanto os novos integrantes trouxeram perspectivas de outras unidades escolares. Essa troca de saberes, essencial para criar um ambiente colaborativo, resultou na elaboração participativa da Proposta Pedagógica. A fase seguinte envolveu a análise coletiva de relatórios de escuta de alunos e responsáveis, fundamentando a proposta pedagógica nos princípios da gestão democrática e da participação comunitária. Essa abordagem dialógica, inspirada em Paulo Freire (1996), valorizou todas as vozes no processo educativo, transformando a proposta em um “almanaque digital” vivo.

O projeto ampliou seu escopo, adotando os 200 anos da cidade como eixo temático. Em um bairro muitas vezes marginalizado, essa escolha demonstrou compromisso com a pedagogia crítica e o currículo contextualizado. A

interdisciplinaridade foi priorizada, nas aulas eletivas, com professores organizados em duplas estratégicas – um veterano e um recém-chegado – para potencializar a troca de experiências. As atividades foram planejadas com o objetivo comum de resgatar memórias da comunidade por meio de entrevistas e registros para um documentário coletivo. Às sextas-feiras, os alunos participavam de eletivas, em que escolhiam as temáticas. As eletivas foram intituladas de: As cores da origem – uma ponte entre passado e presente; Herança patrimonial tem valor; Franca em jogo; Scarabuscando a história; Águas de Franca; *Coffee Shoes Revolution*; A matemática do basquete; Meu ipê, meu lugar em Franca; e Das brincadeiras de rua ao maior do Brasil – Franca, 200 anos de história. Durante o percurso, a grande quantidade de atividades e pesquisas produzidas despertou o desejo de publicá-las. Os alunos do 8º e 9º anos de criaram um *talk show*, transmitido pelo YouTube, que reuniu todas as eletivas. Durante o desenvolvimento das atividades, surgiu mais uma oportunidade de inovação: alunos sugeriram o uso de QR Code. Em seguida, apresentei o almanaque digital que estava sendo elaborado pela equipe docente e surgiu a ideia de inserir nele uma compilação de diversos QR Codes, cada um correspondendo a uma atividade desenvolvida na escola. A ideia evoluiu, e optou-se por criar um único QR Code para ser divulgado na comunidade. Os alunos distribuíram cartazes e placas em vários locais, como supermercados, farmácias, papelarias, unidades de saúde, lojas de roupas e padarias. Essa solução tecnológica simples, porém eficaz, permitiu que a comunidade interagisse com a escola por meio de depoimentos e fotos. Paralelamente, a sala de leitura promoveu um concurso de redação sobre personalidades locais e o sarau “Protesto”, com a participação do poeta Carlos Assumpção, ex-morador da comunidade. O projeto culminou com a produção de um documentário com pessoas que tiveram papel especial para a escola.



Metas qualitativas

Fortalecer a cultura digital na escola, integrando ferramentas tecnológicas como instrumentos de valorização da história local e pertencimento comunitário. Desconstruir estigmas sociais por meio da produção e divulgação de conteúdos midiáticos que apresentem narrativas positivas e inclusivas sobre a comunidade local. Promover a troca de saberes entre professores veteranos e novos, utilizando plataformas digitais para compartilhar práticas pedagógicas inovadoras e metodologias ativas. Alinhar as práticas pedagógicas à pedagogia crítica, incorporando tecnologias educacionais como recursos para aprendizagem interdisciplinar e colaborativa. Estimular o protagonismo estudantil por meio da criação de produtos digitais desenvolvendo habilidades como pesquisa e comunicação midiática. Integrar metodologias ativas com tecnologias acessíveis, incentivando a investigação e a resolução de problemas reais. Garantir a construção coletiva da Proposta Pedagógica, utilizando ferramentas digitais (formulários *on-line*, nuvem de documentos) para envolver docentes, alunos e famílias no processo. Otimizar a interação escola-comunidade por meio de tecnologias simples e acessíveis, ampliando o alcance das produções escolares e incentivando a participação ativa. Contextualizar o currículo com os 200 anos da cidade para resgatar e preservar memórias locais. Fomentar a interdisciplinaridade por meio de parcerias entre docentes de diferentes áreas. Transformar a escola em um *hub* de inovação social, onde a tecnologia seja usada para reflexão crítica, produção de conhecimento e valorização de saberes comunitários. Documentar memórias da comunidade em formatos digitais (videoentrevistas, *e-book* colaborativo, *podcast*), garantindo a preservação e disseminação desses registros. Valorizar a história local e a cultura da comunidade, promovendo pertencimento.

Metas quantitativas

Envolver 100% dos professores no planejamento interdisciplinar e nas formações. Participação de todos os alunos nas eletivas e atividades. Criar um documentário com pessoas da comunidade. Realizar um *talk show* no YouTube para compilar as eletivas. Publicar uma Proposta Pedagógica (almanaque digital) com QR Code vinculado às produções dos alunos. Organizar um sarau (“Protesto”) e um concurso de redação sobre figuras locais. Garantir a participação de pelo menos um parceiro externo por turma. Atingir 70% de participação das famílias/comunidade no envio de depoimentos/fotos. Apresentar evolução em 5% nas avaliações internas e externas propostas pela Secretaria de Educação Estadual. Manter o índice de fluxo sem abandono e reprovação.

Estratégias e instrumentos utilizados para acompanhar a participação dos envolvidos

O projeto foi desenvolvido com base em estratégias bem definidas de formação, acompanhamento e participação ativa dos envolvidos, garantindo uma construção coletiva e democrática. A formação da equipe docente teve início com um acolhimento que priorizou a socialização de experiências, em que professores veteranos e novos integrantes compartilharam vivências pedagógicas, contribuindo para a elaboração participativa da Proposta Pedagógica. Essa abordagem, alinhada à pedagogia da formação continuada, fortaleceu a identidade profissional da equipe e promoveu um ambiente colaborativo, essencial para as etapas seguintes. A gestão democrática foi um pilar central, com a análise conjunta de relatórios de escuta de alunos e responsáveis, garantindo que a Proposta Pedagógica refletisse as necessidades e os anseios da comunidade escolar. Essa dinâmica dialógica, inspirada em Paulo Freire, assegurou que todas as vozes fossem valorizadas, transformando o documento em um instrumento vivo e contextualizado. Para o desenvolvimento do projeto, foram



adotadas estratégias de monitoramento contínuo, incluindo reuniões formativas semanais, acompanhamento individual das duplas docentes e avaliações bimestrais do rendimento dos alunos. A prática da “escutatória” nas aulas permitiu um *feedback* imediato, enquanto registros detalhados das atividades e pesquisas de satisfação com a comunidade forneceram subsídios para ajustes e replanejamento. A interdisciplinaridade foi incentivada por meio de duplas pedagógicas, combinando professores experientes e novos. Os alunos, protagonistas do processo, escolheram temas de interesse dentro das eletivas oferecidas, desenvolvendo atividades práticas que culminaram em um documentário e um *talk show* transmitido pelo YouTube. A integração de tecnologias, como o QR Code, ampliou o alcance do projeto, permitindo que a comunidade interagisse e contribuísse com depoimentos e registros históricos. Além disso, ações complementares, como o concurso de redação e o sarau “Protesto”, enriqueceram o processo, valorizando a cultura local e fortalecendo o sentimento de pertencimento. A coordenação pedagógica desempenhou um papel fundamental na articulação entre os atores envolvidos, promovendo uma comunicação efetiva e afetiva, essencial para o sucesso da iniciativa. Dessa forma, o projeto consolidou-se como um modelo de educação integradora, em que a formação continuada, a gestão participativa e a valorização do contexto social se uniram para promover uma aprendizagem significativa e transformadora. O monitoramento constante e a flexibilidade para incorporar contribuições da comunidade garantiram que o projeto fosse dinâmico, inclusivo e alinhado às reais necessidades dos envolvidos.

Dificuldades enfrentadas antes e durante o desenvolvimento do trabalho

A implementação do projeto, embora tenha alcançado resultados significativos, não foi isenta de desafios. Desde a

fase inicial de construção da proposta pedagógica até a execução das atividades interdisciplinares, diversas dificuldades surgiram, exigindo adaptação, diálogo e persistência por parte de toda a equipe escolar. Um dos principais obstáculos foi a complexidade inerente ao papel da coordenação pedagógica. Conciliar as demandas administrativas com o acompanhamento efetivo das práticas educativas mostrou-se um equilíbrio delicado. A necessidade de “apagar incêndios” – resolver problemas imediatos do cotidiano escolar – muitas vezes ameaçava desviar o foco do planejamento estratégico e da formação docente. Além disso, a resistência de alguns professores em aderir ao trabalho colaborativo exigiu uma abordagem sensível e persuasiva, baseada no diálogo e no respeito às diferenças individuais. A construção coletiva da Proposta Pedagógica apresentou seus desafios. Reunir as diversas vozes da comunidade – professores veteranos, novos docentes, alunos e familiares – em um documento coerente e significativo demandou negociação constante. Cada grupo trazia expectativas, valores e experiências distintas, o que tornou essencial estabelecer um espaço de escuta ativa e mediação. Transformar a Proposta Pedagógica em um almanaque vivo, que não apenas registrasse ideias, mas também orientasse ações concretas, foi um processo contínuo de ajustes e reflexões. Na etapa de implementação, a interdisciplinaridade trouxe tanto oportunidades quanto dificuldades. A organização de duplas pedagógicas, combinando professores experientes e recém-chegados, enriqueceu o trabalho, mas também exigiu atenção para garantir que as diferenças metodológicas não se tornassem barreiras. A estruturação das eletivas, nas quais os alunos escolhiam temas de interesse e se agrupavam de forma flexível, demandou um cuidadoso planejamento logístico para evitar conflitos de horários e espaços. Outro desafio foi o engajamento da comunidade local. Apesar das estratégias inovadoras, como o uso de QR Codes e a transmissão de um



talk show no YouTube, a equipe precisou investir em ações de sensibilização, mostrando a importância de valorizar a história e a cultura do bairro. Além disso, a realização de entrevistas e a produção do documentário dependiam da disponibilidade de parceiros externos, o que exigiu flexibilidade e criatividade para adaptar os cronogramas. Apesar dessas dificuldades, o projeto demonstrou que uma gestão democrática, baseada no diálogo e na colaboração, é capaz de superar obstáculos e gerar resultados transformadores. A tecnologia, quando bem aplicada, mostrou-se uma aliada poderosa na aproximação entre escola e comunidade. A persistência na formação docente e a valorização da voz dos alunos foram fundamentais para manter o engajamento e a relevância das atividades.

Relação do trabalho pedagógico com o entorno da escola, questões locais, com ações e políticas existentes e com as organizações sociais que atuam na região

O projeto estabeleceu uma relação significativa com o entorno da escola, integrando-se às questões locais e às políticas públicas por meio de ações pedagógicas que valorizaram a cultura, a memória e a identidade da comunidade. Ao adotar os 200 anos da cidade como tema central, a iniciativa permitiu que os alunos resgatassem histórias e combatessem estigmas associados ao bairro, muitas vezes marginalizado. Essa abordagem não apenas enriqueceu o currículo escolar, mas também fortaleceu o sentimento de pertencimento entre os estudantes e a comunidade, alinhando-se a princípios da pedagogia crítica e da gestão democrática. As parcerias desempenharam um papel fundamental nesse processo, conectando a escola a agentes e organizações que ampliaram o impacto do projeto. Funcionários aposentados, como Milene e dona Lourdes, líderes comunitários e pais de alunos, como Clemerson e Jaílson, o poeta Carlos Assumpção e o músico e ex-aluno

Kyde trouxeram para dentro da escola expressões artísticas e culturais que muitas vezes são invisibilizadas. Carlos, ex-morador da região, mediu o sarau “Protesto”, enquanto Kyde cedeu direitos autorais de uma música para o documentário, criando uma ponte entre gerações. Essas colaborações reforçaram a importância de valorizar os saberes locais e as trajetórias individuais como parte do processo educativo. Além disso, a participação de ONGs como a Verdejar, que plantou e acompanha o crescimento das árvores da escola desde abril de 2022, e de representantes de movimentos sociais, como o Hip Hop de Franca e o Comdecon, trouxe para o debate temas como sustentabilidade, equidade racial e cultura urbana. A Verdejar contribuiu com discussões sobre meio ambiente, enquanto o Comdecon fortaleceu a reflexão sobre identidade negra e combate ao racismo, alinhando o projeto a políticas públicas de promoção da igualdade. Já a presença de Jamil, referência no basquete local, destacou o esporte como ferramenta de inclusão e mobilização social, mostrando como a escola pode ser um espaço de integração entre educação e práticas comunitárias. com a inclusão de aulas de basquete da ONG do Jamil três vezes por semana na escola. A utilização de tecnologias digitais, como o QR Code e o YouTube, também foi um diferencial, aproximando a escola da comunidade de forma inovadora. O QR Code, vinculado a um documentário com depoimentos de moradores, permitiu que a população interagisse com os trabalhos desenvolvidos, enviando fotos e relatos. Já o *talk show* transmitido *on-line* ampliou o alcance das atividades, mostrando que a educação pode ser um processo dinâmico e colaborativo. Essas estratégias não apenas facilitaram a comunicação mas também reforçaram a ideia de uma escola aberta e conectada. Por fim, a coordenação pedagógica teve um papel central na articulação dessas ações, promovendo a integração entre professores, alunos e parceiros externos.



Replicabilidade e continuidade do projeto

O trabalho apresentado possui grande potencial de replicabilidade e continuidade devido à sua estrutura colaborativa, contextualizada e profundamente engajada com a comunidade escolar. A socialização de experiências entre professores veteranos e novos, a construção coletiva da Proposta Pedagógica e a valorização das vozes dos alunos e responsáveis criaram uma base sólida para que a iniciativa se mantenha viva e adaptável. A documentação detalhada do processo – incluindo o almanaque digital, o documentário e os registros das eletivas – serve como um guia prático para outras escolas, permitindo que adaptem o modelo às suas realidades locais. Além disso, o uso de tecnologias simples, como QR Codes, e a divulgação em plataformas digitais facilitam o compartilhamento e a interação contínua com a comunidade. A continuidade do projeto depende de uma gestão democrática e participativa, que inclua a formalização das ações no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola. A avaliação processual, com indicadores claros de participação e engajamento, é essencial para ajustes e melhorias ao longo do tempo. O fortalecimento de parcerias com lideranças locais e instituições externas também contribui para a sustentabilidade, viabilizando recursos e ampliando o alcance das ações. Um dos maiores desafios é manter o engajamento da comunidade e da equipe escolar em longo prazo, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Para isso, é fundamental que o projeto continue a valorizar as histórias e identidades locais, criando um sentimento de pertencimento que motive sua continuidade. Por fim, a essência do projeto está em seu caráter dialógico e transformador, alinhado aos princípios da pedagogia crítica. Sua replicabilidade não se limita à repetição de atividades, mas à capacidade de promover processos participativos que empoderem estudantes, educadores e comunidades. Assim, a iniciativa se consolida não apenas como um modelo pedagógico inovador, mas como

um caminho possível para uma educação mais democrática, significativa e conectada com a vida real.

Conclusão do projeto e resultados obtidos

O projeto desenvolvido ao longo do ano letivo alcançou resultados significativos, consolidando-se como uma experiência transformadora para a escola e a comunidade. Ao priorizar a escuta ativa, a valorização da história local e a construção coletiva do conhecimento, fortaleceu-se não apenas os vínculos entre os diferentes atores da comunidade escolar mas também reafirmou-se o papel da educação como instrumento de transformação social. A elaboração participativa da Proposta Pedagógica, inspirada nas vivências compartilhadas por docentes, alunos e responsáveis, transformou-a em um documento vivo, que reflete a identidade da escola e sua conexão com a comunidade. A abordagem interdisciplinar e a metodologia das eletivas permitiram que os alunos assumissem o protagonismo da própria aprendizagem, escolhendo temas de interesse e trabalhando de forma colaborativa. A integração de diferentes áreas do conhecimento, mediada por duplas de professores, enriqueceu o processo educativo, demonstrando que a colaboração entre docentes amplia as possibilidades de ensino. Além disso, a temática dos 200 anos da cidade proporcionou um resgate histórico e cultural, desconstruindo estigmas e valorizando a identidade local. A inovação tecnológica, com a utilização do QR Code para divulgar o documentário e conectar a escola à comunidade, mostrou-se uma estratégia eficaz de democratização do conhecimento, com a totalização de quase 700 visitas. O *talk show* no YouTube, idealizado pelos alunos, tornou-se um espaço de compartilhamento e valorização das produções, ampliando o alcance do projeto e somando quase 500 visualizações. Essas iniciativas reforçaram a importância de incorporar ferramentas digitais de forma criativa e acessível, promovendo maior engajamento. A articulação entre escola



e comunidade foi um dos pilares do projeto, materializada no documentário com entrevistas de moradores, no sarau “Protesto” e no concurso de redação. Essas ações fortaleceram a ideia de que a educação deve ser construída em diálogo com a realidade social, valorizando saberes e experiências compartilhadas. Nas avaliações internas bimestrais, tivemos crescimento: de 54,9% do 1º bimestre para 57,3 no 3º bimestre. Por fim, a liderança pedagógica desempenhou um papel fundamental na mediação e organização do projeto, garantindo uma gestão democrática e participativa. A coordenação pedagógica atuou como facilitadora, promovendo a integração entre professores, alunos e comunidade e reforçando a escola como um espaço de diálogo e construção coletiva. Os resultados alcançados demonstram que, quando a educação se abre à colaboração e à valorização do contexto local, os processos de ensino e aprendizagem ganham maior significado e impacto. Os frutos deste projeto permanecem não apenas nos produtos finais, mas na memória coletiva, no fortalecimento dos vínculos e na inspiração para que novas iniciativas continuem transformando a escola em um espaço dinâmico e integrado à sua comunidade.

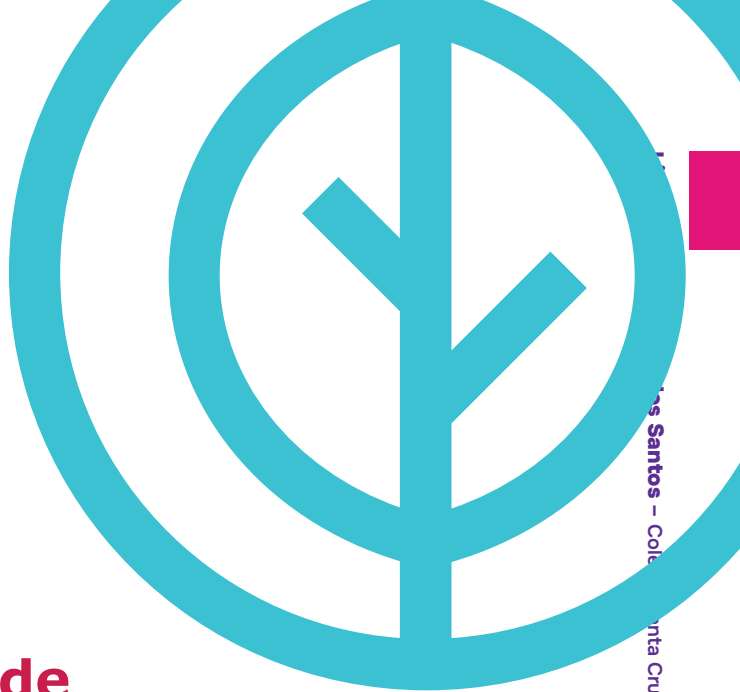
Aprendizagens alcançadas e autoavaliação

Este trabalho proporcionou aprendizagens significativas tanto para a equipe escolar quanto para mim, enquanto coordenadora pedagógica. Desde o início, priorizamos o acolhimento e a socialização de experiências entre os professores, valorizando tanto os saberes dos docentes veteranos quanto as contribuições dos novos integrantes. Essa troca foi essencial para a construção de uma Proposta Pedagógica verdadeiramente colaborativa, que não apenas refletiu a identidade da escola mas também fortaleceu o senso de comunidade. Como lembra Paulo Freire, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” – e foi nessa perspectiva

dialógica que buscamos criar um ambiente onde todos se sentissem parte do processo. Um dos aspectos mais enriquecedores foi a forma como integramos a comunidade no projeto educativo. A análise dos relatórios de escuta de alunos e responsáveis, assim como a escolha dos 200 anos da cidade como tema central, demonstrou o poder de um currículo contextualizado e crítico. Ao trabalhar com interdisciplinaridade e eletivas, os alunos tornaram-se protagonistas das próprias aprendizagens, explorando temas como história local e expressões artísticas. A iniciativa do QR Code, sugerida pelos próprios estudantes, foi um exemplo de como a tecnologia pode ser usada de forma simples e eficaz para aproximar a escola da comunidade, permitindo que os moradores interagissem e contribuíssem com suas memórias. Como coordenadora, enfrentei desafios que me levaram a crescer profissionalmente. Aprender a gerenciar melhor meu tempo e priorizar demandas foi fundamental, assim como desenvolver uma comunicação mais assertiva. Acompanhar de perto o trabalho dos professores, oferecendo suporte e ajustando estratégias quando necessário, reforçou a importância de uma liderança pedagógica presente e flexível. Além disso, a formação continuada em equipe mostrou-se essencial para o alinhamento de práticas e o fortalecimento coletivo. Os resultados alcançados, como a melhoria no clima escolar, o aumento do engajamento dos alunos e a valorização da cultura local, reafirmaram a importância de uma educação dialógica e participativa. No entanto, reconheço que ainda há aspectos a melhorar, como a otimização de processos de comunicação e a ampliação de mecanismos de avaliação contínua. Este projeto me mostrou, na prática, o que Paulo Freire defendia: que a educação é um ato político e coletivo, capaz de transformar realidades quando construída com e para a comunidade. Como ele mesmo dizia: “Ensinar exige saber escutar” e é essa escuta ativa que continuará guiando meu trabalho.







Sustentabilidade

A compreensão da sustentabilidade é crucial para a sociedade atual e futura, pois promove a preservação do meio ambiente, o uso consciente dos recursos naturais, a adaptação e resiliência às mudanças climáticas. No contexto escolar, a educação sobre sustentabilidade forma cidadãos responsáveis, desenvolve habilidades como pensamento crítico e resolução de problemas, e prepara os alunos para enfrentar desafios futuros, beneficiando tanto a comunidade quanto o meio ambiente através de práticas sustentáveis como reciclagem, uso de energia renovável e hortas escolares.

No contexto do Prêmio Educador Nota 10, o eixo Sustentabilidade reconhece projetos que alinham as práticas pedagógicas à promoção do desenvolvimento sustentável, valorizando ações que incentivam a conservação ambiental, a educação socioambiental e o compromisso com um futuro equilibrado.

Nesse eixo são valorizadas iniciativas educacionais que incorporam práticas pedagógicas focadas na promoção e implementação do desenvolvimento sustentável em suas cidades, localidades ou regiões. Isso inclui a educação



socioambiental e a promoção da conservação ambiental, pilares essenciais para a formação de cidadãos conscientes, responsáveis e engajados com o futuro do planeta. Ao implementar ações como projetos de conservação, campanhas educativas e práticas sustentáveis, essas iniciativas fortalecem o desenvolvimento de habilidades essenciais para que os estudantes possam enfrentar os desafios ambientais, sociais e econômicos que marcam nosso tempo.

Dessa forma, o eixo Sustentabilidade do Prêmio Educador Nota 10 valoriza a educação como agente de transformação, capaz de formar sujeitos preparados para atuar com responsabilidade e criatividade na construção de um mundo mais justo, equilibrado e sustentável para todas as formas de vida.

Dos resíduos aos recursos: proposta de reutilização dos subprodutos das casas de farinha do Quilombo do Caroá

por **Gustavo Santos Bezerra**

**Escola Técnica Estadual
Professor Paulo Freire, Carnaíba (PE)**

Nível de ensino atendido pelo projeto: 2ª série – Ensino
Médio

Componente Curricular: Ciências da Natureza

Minirresumo do projeto

Soluções sustentáveis para os subprodutos das casas de farinha do Quilombo do Caroá.

Introdução

As casas de farinha têm grande importância social, econômica e de resistência para diversas comunidades, especialmente as comunidades quilombolas, que utilizam essa alternativa tanto para obter o próprio alimento quanto como fonte de renda. No entanto, apesar de sua importância inquestionável, os resíduos gerados pelas farinheiras podem causar diversos problemas, como a poluição da água, do solo e do ar, além da intoxicação de pessoas e animais, contribuindo também para as mudanças climáticas globais. O projeto que foi implementado tem como objetivo destinar os subprodutos das casas de farinha à produção de novos itens de interesse da comunidade,



conectando-se às competências gerais 2 e 10 da BNCC, que promovem o desenvolvimento do pensamento científico, crítico e criativo dos estudantes, além do senso de responsabilidade e cidadania. No currículo de Pernambuco, o projeto está atrelado a dois componentes curriculares: Automação e Otimização de Processos, que visa desenvolver habilidades relacionadas à elaboração de questões-problema; Produções Sustentáveis, que busca o desenvolvimento de protótipos sustentáveis.

Apresentação da instituição de ensino

A ETE Professor Paulo Freire foi fundada em 2013 e é uma instituição de ensino técnico estadual que oferece educação de qualidade para jovens e adultos em busca de formação profissional.

Com uma equipe de professores altamente qualificados e uma infraestrutura moderna e bem equipada, a escola proporciona aos seus alunos um ambiente de aprendizado prático e desafiador, capaz de prepará-los para o mercado de trabalho e para as demandas do mundo contemporâneo. Com um currículo dinâmico e atualizado, a ETE Professor Paulo Freire investe no desenvolvimento de habilidades técnicas e profissionais, visando ao sucesso e à realização pessoal de seus estudantes. A escola atua na formação de profissionais voltados para o Arranjo Produtivo Local (APL) e outros processos produtivos, além de desenvolver e difundir novas tecnologias, contribuindo para o surgimento de novas culturas de planejamento, execução e manutenção. Isso resulta na melhoria da qualidade dos produtos e serviços oferecidos na região do Sertão do Pajeú, do Sertão do Moxotó, em Pernambuco, e também em estados vizinhos, como a Paraíba, promovendo a sustentabilidade econômica, social e ambiental dessas localidades. Dessa forma, atendemos jovens e adultos que já atuam nas áreas dos APLs ou que tenham potencial para atuar nessas áreas, sempre respeitando suas aspirações e vocações. Os cursos de formação e qualificação profissional

têm como foco atender às demandas específicas da formação básica e complementar local, viabilizando a melhoria da qualificação profissional da população sertaneja.

Justificativa do projeto e pertinência com a necessidade local

O Quilombo do Caroá, situado na zona rural de Carnaíba, no Sertão Pernambucano, tem como principal fonte de renda a agricultura sustentável e a produção artesanal de farinha a partir das raízes de mandioca. Atualmente, a comunidade conta com três casas de farinha ativas, que atuam como símbolos de resistência e preservação da cultura local. No entanto, apesar de sua importância inquestionável, a produção nas farinheiras gera dois subprodutos – a manipueira e as cascas de mandioca – que apresentam potencial tóxico tanto para a fauna quanto para a flora. Caso os animais consumam esses resíduos após o processamento, podem ser levados à morte em poucos instantes. A toxicidade da manipueira se deve à presença de ácido cianídrico (HCN), sendo que uma concentração de apenas 1,12 mL por quilograma de massa corporal já é suficiente para causar a morte de um indivíduo. No meio ambiente, quando descartada de forma inadequada, a manipueira pode ser até 25 vezes mais poluente que o esgoto doméstico, com potencial de contaminar o solo, a água e o ar.

Objetivos de aprendizagem

A partir do documento que rege a educação no nosso país, o projeto visa atingir os seguintes objetivos de aprendizagem da BNCC: (EM13CNT301) Construir questões, elaborar hipóteses, previsões e estimativas, empregar instrumentos de medição e representar e interpretar modelos explicativos, dados e/ou resultados experimentais para construir, avaliar e justificar conclusões no enfrentamento de situações-problema sob uma perspectiva científica; (EM13CNT302) Comunicar, para públicos variados, em diversos contextos, resultados de análises, pesquisas e/ou experimentos, elaborando e/



ou interpretando textos, gráficos, tabelas, símbolos, códigos, sistemas de classificação e equações, por meio de diferentes linguagens, mídias, tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), de modo a participar e/ou promover debates em torno de temas científicos e/ou tecnológicos de relevância sociocultural e ambiental.

Metodologia utilizada

Para o desenvolvimento da pesquisa, realizamos as seguintes etapas: etapa 1 (4 aulas) – apresentação da abordagem STEAM (sigla em inglês para Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática) e apresentação da problemática e definição do projeto. Etapa 2 (2 aulas) – elaboração do plano de trabalho e elaboração do roteiro do projeto. Etapa 3 (6 aulas) – desenvolvimento prático do protótipo. Etapa 4 (4 aulas) – elaboração dos resumos, documentos e vídeos para divulgação dos protótipos. Etapa 5 (4 aulas) – apresentação dos protótipos para comunidade. Na primeira etapa, realizou-se um momento formativo com os estudantes, apresentando-os a abordagem STEAM, origem e casos de sucesso. Após a abordagem inicial, sabendo que a turma possui alunos de comunidades que têm a presença de casas de farinha ativas, foram levantados os seguintes questionamentos: A produção das casas de farinha é sustentável? Ela gera algum tipo de subproduto? O processo pode provocar algum tipo de desequilíbrio ambiental? A partir dos questionamentos e dessa perturbação inicial levantada, orientou-se aos estudantes formarem grupos e discutirem sobre a temática e partir da problemática, pesquisar possíveis soluções para sanar tal necessidade. Na etapa seguinte, os grupos foram direcionados para o Espaço Cria da escola, laboratório Maker que permite a realização de pesquisas, e, a partir dos tópicos abordados na etapa anterior, foram iniciadas as pesquisas sobre as possíveis alternativas para os resíduos das casas de farinha, além da elaboração de um plano de trabalho apresentando os seguintes tópicos:

Problemática, tema, hipótese, Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), etapas, resultados esperados, recursos e cronograma. Concomitante à elaboração dos planos, cada equipe montou um roteiro experimental para produção e confecção dos protótipos. Foi solicitado que esse documento apresentasse de forma clara e sequencial as etapas que deveriam ser seguidas até obter o produto final. No momento seguinte, os alunos foram direcionados ao laboratório de Química para produção e confecção dos protótipos físicos. Cada equipe, com antecedência, solicitou os materiais necessários para a realização das atividades efetivas. Os recursos para cada projeto foram: produção de blocos de manipueira – manipueira, cimento, argila, água, madeira; madeira com cascas de mandioca – cola branca, água, boráx, cascas de mandioca; produção de vinagre – cano, cola, durepox, manipueira; biodigestor – esterco bovino, manipueira, mangueiras, veda rosca, garrafas de 5 litros; plástico biodegradável – glicerina, vinagre, água, liquidificador, chapa de aquecimento, cascas de mandioca; Filtropinha – filamento, impressora 3D, casca de pinha, manipueira, algodão, papel-filtro. Durante a prática, os grupos foram organizados por bancadas, e cada equipe, seguindo os roteiros elaborados e com o auxílio dos professores, deu início ao procedimento experimental.

Durante as práticas, cada equipe realizou registros audiovisuais de cada etapa, obtendo no final fotos para montagem do documento final e produção do vídeo.

Metas qualitativas

Clareza e organização estrutural dos resumos científicos (uso adequado da linguagem científica e estrutura coerente com o gênero); criatividade e aplicabilidade dos protótipos (capacidade de resolver um problema real ou simulado); qualidade na comunicação oral (domínio do tema e linguagem acessível) e na visual; engajamento e cooperação dentro dos grupos (participação equilibrada, resolução



de conflitos e empatia); aproximação entre o projeto e a realidade da comunidade (entendimento da relevância social do projeto e impactos percebidos); autonomia no processo de pesquisa (capacidade de planejar, buscar soluções e tomar decisões).

Metas quantitativas

100% dos grupos entregaram o pré-projeto; 100% dos grupos entregaram o protótipo funcional (prototipagem realizada com base no problema definido); cada grupo produziu ao menos quatro materiais de divulgação (roteiro, resumo, pôster e vídeo); 100% dos alunos participaram ativamente das etapas do projeto (critério medido por autoavaliação ou observação do professor); 100% dos alunos dos projetos participaram de pelo menos uma feira de ciências (participação pública em atividades de extensão); 67% dos projetos foram credenciados para participação em eventos externos (participação em eventos de divulgação científica).

Estratégias e instrumentos utilizados para acompanhar a participação dos envolvidos

Durante o projeto, foi possível acompanhar diariamente a participação ativa dos estudantes e seu envolvimento nas diferentes etapas. Na fase de elaboração dos planos, observou-se um trabalho colaborativo e grande interação entre os membros das equipes. Durante a socialização dos planos, os alunos demonstraram desenvoltura ao apresentar, com orgulho, os trabalhos elaborados. Na etapa de construção dos protótipos – que foi uma das mais apreciadas pelos estudantes –, as equipes literalmente “colocaram a mão na massa” e se dedicaram ao máximo para criar protótipos funcionais, compartilhando os resultados com maestria e entusiasmo. Por fim, houve a divulgação externa dos trabalhos, momento em que os alunos apresentaram suas pesquisas tanto para a comunidade beneficiada pelo projeto quanto para o público geral durante feiras de ciências. Além da observação direta,

outra forma de acompanhar a participação dos estudantes foi por meio dos materiais produzidos ao longo do processo: vídeo, resumo, *folder* e roteiro da prática. A análise desses documentos permitiu constatar o envolvimento de todos os integrantes dos grupos.

Dificuldades enfrentadas antes e durante o desenvolvimento do trabalho

Durante a implementação do projeto, enfrentamos algumas dificuldades, como os recursos limitados do laboratório. Houve também dificuldade de acesso à comunidade das casas de farinha, localizada a cerca de 25 km da zona urbana, sendo o trajeto feito apenas por estrada de terra, o que dificultou visitas e coletas de informações. Além disso, houve a limitação de tempo para trabalhar com os estudantes, já que as atividades do projeto eram realizadas apenas semanalmente, durante as duas aulas destinadas à disciplina.

Relação do trabalho pedagógico com o entorno da escola, questões locais, com ações e políticas existentes e com as organizações sociais que atuam na região

O projeto visa atender às necessidades da comunidade Quilombo do Caroá, da qual a maioria dos estudantes é oriunda e matriculada na instituição. Na turma em que o projeto foi aplicado, duas alunas pertencem diretamente à comunidade. O projeto assumiu o compromisso com as casas de farinha do Caroá, com o objetivo de dar visibilidade ao problema e promover melhorias efetivas na realidade local.

Replicabilidade e continuidade do projeto

O projeto é voltado para a implementação de alternativas que promovam uma produção sustentável nas casas de farinha, sem causar danos à fauna e à flora local. Ele pode ser estendido a outras produções similares e servir de exemplo para diferentes tipos de atividades produtivas, possibilitando



o aumento do valor agregado e a destinação mais sustentável e adequada dos resíduos gerados nos processos.

Conclusão do projeto e resultados obtidos

Pode-se considerar que o projeto desenvolvido foi de grande relevância tanto para os estudantes como para a prática docente. Como professor, foi um grande desafio realizar um trabalho com a turma inteira, a qual apresenta diversas peculiaridades e diversidade. Para os estudantes, foi a primeira oportunidade de desenvolver um projeto na escola que contribuísse diretamente com a comunidade. O projeto teve como foco o desenvolvimento e produção sustentável, mas percorreu os eixos de Inovação e Tecnologia e Direitos Humanos. Como resultados, obteve-se seis protótipos visando melhor destinação dos resíduos das casas de farinha, promovendo uma produção sustentável. Diversos resultados positivos foram destacados, porém nenhum deles se compara ao impacto causado dentro da comunidade.

Aprendizagens alcançadas e autoavaliação

Como professor, foi um grande desafio desenvolver um projeto de pesquisa que envolvesse todos os estudantes de uma turma e, ainda assim, conseguir obter seis protótipos de excelente qualidade. Para os estudantes, foi uma oportunidade incrível – mais de 90% deles nunca tinham desenvolvido um projeto, muito menos participado de eventos de divulgação científica. Entre todas as aprendizagens, a mais relevante foi o contato com a comunidade local, que, por meio de seu conhecimento popular, nos proporcionou verdadeiras aulas de empatia e cultura. Foi possível realizar, na Educação Básica, ações integradas de ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para a melhoria da qualidade da educação no Brasil.

Mar de descoberta

por **Marta Maria da Silva**

**Creche Maria Anunciada de Arruda –
Irmã Linda, Paulista (PE)**

Nível de ensino atendido pelo projeto: Educação Infantil

Componente Curricular: Ciências da Natureza

Minirresumo do projeto

Exploração sensorial, participação dos bebês e das famílias em uma imersão no fundo do mar.

Introdução

Com a chegada de setembro, mês do aniversário do município de Paulista (PE), identificamos uma oportunidade para celebrar essa data de forma significativa, integrando bebês, famílias e o mar. O projeto foi idealizado a partir do interesse de aproximar as crianças de espaços e imagens que fazem parte da história e do cotidiano de suas famílias, como a imponente Igreja de Santa Izabel, o Terminal de ônibus Pelópidas Silveira, as praias de Pau Amarelo, o Rio Timbó e o Shopping North Way. Para enriquecer essa experiência, selecionamos os livros *Onda*, de Suzy Lee, e *O sertão e o mar*, de Patrícia Vasconcellos, Roberta Asse e Roberto Arrais, que dialogam com o tema e despertam a curiosidade dos bebês. O projeto considera as diretrizes do Currículo de



Pernambuco* para a Educação Infantil, ressaltando a importância do planejamento pedagógico flexível, da escuta sensível e da valorização dos múltiplos modos de comunicação das crianças. Nesse sentido, o planejamento foi construído considerando a idade, o grupo, o contexto sociocultural, e a continuidade dele se deu a partir do envolvimento prazeroso e significativo, considerando o desenvolvimento e a aprendizagem de cada criança. Partindo dessa perspectiva, a sala de referência foi organizada com espaços diversificados e sensoriais cuidadosamente preparados, com tecidos de diferentes texturas e tonalidades de azul, miniaturas de animais marinhos, momentos ao ar livre com areia de praia e conchas, além de músicas que reproduziam o som do mar. Esses espaços despertaram a curiosidade e o interesse das crianças e de suas famílias, promovendo um ambiente de bem-estar e alegria.

Apresentação da instituição de ensino

A Creche Municipal Maria Anunciada de Arruda está localizada em uma comunidade de vulnerabilidade social, ela atende crianças cujas famílias, em sua maioria, possuem empregos informais, o que reforça a importância de um ambiente acolhedor e significativo. A creche funciona em tempo integral e possui uma proposta pedagógica tradicional, o que torna essencial a busca por práticas que promovam a participação ativa das crianças.

Justificativa do projeto e pertinência com a necessidade local

A comunidade onde a creche está inserida enfrenta desafios socioeconômicos que impactam diretamente a infância das crianças. Muitas famílias vivem em situação de vulnerabilidade social e possuem rotinas instáveis devido à informalidade do trabalho, o que limita o acesso a experiências

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. Currículo de Pernambuco: Educação Infantil/Secretaria de Educação e Esportes, União dos Dirigentes Municipais de Educação; coordenação Ana Coelho Vieira Selva, Sônia Regina Diógenes Tenório; apresentação Frederico da Costa Amâncio, Maria Elza da Silva. – Recife: A Secretaria, 2019.

educativas ricas fora do ambiente escolar. Diante desse cenário, torna-se essencial que a creche ofereça um espaço acolhedor, seguro e estimulante, que possibilite o desenvolvimento integral das crianças. A proposta do “Mar de descoberta” responde a essa necessidade ao criar um ambiente sensorial que favorece a aprendizagem ativa e o vínculo afetivo entre bebês, educadores e famílias. Além disso, o projeto incentiva a valorização das memórias e vivências das famílias com o mar, promovendo um sentimento de pertencimento e identidade cultural. Dessa forma, a iniciativa não apenas amplia as possibilidades pedagógicas dentro da creche mas também fortalece a relação entre escola e comunidade.

Objetivos de aprendizagem

O projeto “Mar de descoberta” tem como finalidade proporcionar experiências sensoriais e afetivas significativas, contribuindo para o desenvolvimento integral dos bebês. Entre os principais objetivos, destacam-se: ampliar experiências sensoriais – estimular o contato com diferentes texturas, cores e sons, incentivando a percepção espacial e corporal; fomentar a investigação e a curiosidade – propiciar momentos de exploração livre, permitindo que as crianças investiguem os elementos do universo marinho; fortalecer vínculos afetivos – promover a interação entre educadores, crianças e famílias por meio de atividades conjuntas; construir significados e narrativas – engajar a criação de mini-histórias que documentem e valorizem as descobertas e vivências dos bebês.

Metodologia utilizada

O planejamento considerou o contexto sociocultural das crianças e seus interesses emergentes. O projeto iniciou-se com a construção de um mural de fotos com imagens de locais significativos da cidade, incluindo praias frequentadas pelas famílias. Foram selecionados livros como *Onda*, de Suzy Lee, e *O sertão e o mar*, de Patrícia Vasconcellos, para introduzir o tema de forma lúdica. A sala de referência foi



organizada com tecidos de diferentes texturas e tonalidades de azul, miniaturas de animais marinhos, areia e conchas, além da reprodução de sons do mar. Em momentos ao ar livre, as crianças puderam explorar elementos naturais, reforçando a conexão entre a experiência sensorial e a natureza. Exibição de vídeos sobre tubarões e o fundo do mar, para ampliar a experiência sensorial e estimular a curiosidade das crianças do berçário e do Grupo 3. Observação atenta dos bebês sem interferência direta, permitindo que explorassem e se movimentassem no próprio ritmo. Registros escritos e fotográficos do desenvolvimento infantil, documentando evoluções motoras e emocionais. Incentivo à participação ativa das famílias por meio de diálogos que enriqueceram o processo de aprendizagem.

Metas qualitativas

Escuta Sensível: observar e registrar as expressões, gestos e interações, valorizando as formas de comunicação das crianças; Ambientes Significativos: planejar espaços que incentivem a investigação e o protagonismo infantil; Aperfeiçoamento contínuo da prática docente: estimular a formação continuada e as reflexões em equipe para prática pedagógica mais intencionais para atender às necessidades das crianças.

Metas quantitativas

Garantir as propostas planejadas sejam ajustadas conforme observações das interações infantis. Incentivar registros reflexivos sobre as práticas pedagógicas e a partilha de experiências entre educadores. Criar momentos de estudo para aprofundamento teórico e troca de práticas inovadoras. Estimular a construção de uma memória pedagógica rica e significativa, por meio da documentação das experiências infantis. Criar mini-história coletiva com que evidenciem as descobertas das crianças.

Estratégias e instrumentos utilizados para acompanhar a participação dos envolvidos

Observação direta: acompanhamento da participação das crianças e famílias nas atividades propostas. Registros fotográficos e escritos: documentação de interações e aprendizagens significativas; Relatório individual: relatos individuais sobre o desenvolvimento e participação das crianças; Reuniões pedagógicas: encontros para análise dos registros e ajustes nas estratégias; Autoavaliação docente: reflexão do professor sobre a sua atuação e desenvolvimento.

Dificuldades enfrentadas antes e durante o desenvolvimento do trabalho

Resistência à mudança: alguns educadores e famílias demonstraram dificuldades em aceitar novas abordagens pedagógicas e metodológicas. Falta de tempo para registros: a rotina intensa na creche dificultou a sistematização dos registros e das reflexões pedagógicas. Baixa participação das famílias: apesar das iniciativas de envolvimento, nem todas as famílias conseguiram participar ativamente das propostas. Desafios estruturais: limitação do espaço físico, que dificultou a criação de ambientes investigativos e exploratórios. Adaptação às necessidades individuais das crianças: diferentes ritmos e formas de expressão exigiram um planejamento pedagógico mais flexível e responsivo. Necessidade de formação continuada: aprofundar o estudo das pedagogias participativas e aprimorar a intencionalidade.

Relação do trabalho pedagógico com o entorno da escola, questões locais, com ações e políticas existentes e com as organizações sociais que atuam na região

Uso de espaços públicos: exploração de praças, parques e demais espaços urbanos como extensão do ambiente educativo. Articulação com políticas públicas: alinhamento das



práticas pedagógicas com diretrizes educacionais locais, garantindo direitos das crianças e fortalecendo a Educação Infantil. Envolvimento das famílias e moradores: incentivo à participação da comunidade na vida da creche, promovendo um ambiente educativo mais rico e significativo. Parcerias com organizações sociais: estabelecimento de diálogos com associações e projetos comunitários para ampliar repertórios culturais e sociais das crianças. Uso de espaços públicos: exploração de praças, parques e demais espaços urbanos como extensão do ambiente educativo. Articulação com políticas públicas: alinhamento das práticas pedagógicas com diretrizes educacionais locais, garantindo direitos das crianças e fortalecendo a Educação Infantil. Envolvimento das famílias e moradores: incentivo à participação da comunidade na vida da creche, promovendo um ambiente educativo mais rico e significativo. Projetos intersetoriais: conexão com serviços de assistência social, saúde e cultura para apoiar o desenvolvimento integral das crianças.

Replicabilidade e continuidade do projeto

Formação de professores: capacitação contínua da equipe pedagógica para garantir a manutenção e evolução das práticas implementadas. Documentação pedagógica: organização de registros, reflexões e boas práticas para facilitar a replicação do projeto em outras unidades. Envolvimento da comunidade: promoção de ações conjuntas que fortaleçam a relação entre creche, famílias e entorno. Adaptação às necessidades locais: flexibilidade na implementação para atender às especificidades de diferentes contextos. Sustentabilidade: criação de estratégias para garantir a continuidade do projeto, mesmo diante de mudanças na equipe ou na gestão.

Conclusão do projeto e resultados obtidos

O projeto “Mar de descoberta” proporcionou um ambiente mais acolhedor e participativo, em que a escuta

sensível e a intencionalidade pedagógica foram fortalecidas. Observou-se aumento na autonomia das crianças, na interação com os materiais e no protagonismo infantil. A valorização da documentação pedagógica possibilitou um olhar mais atento sobre os processos de aprendizagem, tornando-os visíveis para a equipe pedagógica e para as famílias. Houve avanço significativo na participação das famílias, que passaram a se envolver mais ativamente nas propostas da creche. As reuniões e canais de comunicação ampliaram o diálogo entre educadores e responsáveis, fortalecendo o vínculo escola-família. Além disso, a formação continuada dos professores resultou em práticas mais reflexivas e fundamentadas, promovendo um ambiente educativo mais intencional e respeitoso com as singularidades infantis. O projeto demonstrou potencial para continuidade e replicabilidade, servindo como inspiração para outras unidades educacionais interessadas em promover uma Educação Infantil mais participativa e sensível às necessidades das crianças.

Aprendizagens alcançadas e autoavaliação

O projeto permitiu que educadores e crianças vivenciassem um processo de aprendizagem mútua. Entre as principais aprendizagens alcançadas, destacam-se: o fortalecimento da escuta ativa como ferramenta essencial para compreender e respeitar as singularidades infantis; a importância do planejamento flexível e responsivo, que considera os interesses e ritmos das crianças; a valorização da documentação pedagógica como registro significativo das trajetórias de aprendizagem; o reconhecimento do papel das famílias como parceiras fundamentais no desenvolvimento infantil. Na autoavaliação, os professores destacaram a necessidade de continuar investindo na formação continuada e na ampliação do repertório pedagógico. O projeto reafirmou a importância da intencionalidade nas práticas e do olhar atento às pequenas descobertas do cotidiano infantil.





Riscos em perspectiva: o bairro Matosinhos em São João del-Rei (MG) em maquete

por **Rafael César Costa Silva**

Escola Estadual Governador Milton
Campos, São João del-Rei (MG)

Nível de ensino atendido pelo projeto: 1ª Série – Ensino
Médio

Componente Curricular: Geografia

Minirresumo do projeto

O projeto uniu teoria e prática para tratar dos riscos urbanos em São João del-Rei.

Introdução

O projeto uniu teoria e prática para promover o entendimento e a conscientização sobre riscos urbanos e ambientais no bairro Matosinhos, em São João del-Rei. Desenvolvido com as turmas da 1ª Série do Ensino Médio em tempo integral da Escola Estadual Governador Milton Campos, sob orientação do professor Rafael César nas aulas de Geografia, o projeto contou com uma etapa inicial de discussão teórica sobre conceitos de risco e urbanização, seguidos por uma fase prática de confecção de maquetes.



Apresentação da instituição de ensino

Inaugurada em 1974, dentro do projeto das escolas polivalentes, em parceria com o Brasil e os Estados Unidos, a instituição nasceu com o objetivo de oferecer uma formação integral e diversificada para os jovens de São João del-Rei e região. Desde o início, nosso compromisso foi com a construção de uma educação que abraçasse a comunidade, oferecendo não apenas instrução mas também oportunidades para o futuro. Em 1978, demos mais um passo importante ao iniciar a oferta do Ensino Médio, ampliando ainda mais nosso papel na formação de cidadãos críticos e conscientes. Hoje, com orgulho, contamos com um Ensino Médio em tempo integral, que proporciona uma formação mais ampla e profunda, além do Ensino Fundamental – Anos Finais e o Ensino Médio regular noturno, continuando a garantir educação de qualidade para todos.

Justificativa do projeto e pertinência com a necessidade local

A crescente urbanização sem planejamento adequado tem intensificado os riscos socioambientais nas cidades brasileiras, sobretudo em bairros periféricos como o Matosinhos, em São João del-Rei. Diante disso, torna-se fundamental promover a educação ambiental crítica e contextualizada, especialmente entre os jovens do Ensino Médio, que vivem e convivem com esses desafios diariamente. O presente projeto visa integrar teoria e prática para fomentar a compreensão sobre os riscos urbanos e ambientais presentes no território em que os alunos estão inseridos, permitindo que reconheçam suas causas, consequências e possíveis formas de prevenção e enfrentamento. Ao articular conceitos geográficos com a confecção de maquetes representativas do bairro, o projeto estimula o protagonismo estudantil, o pensamento espacial e o engajamento comunitário na construção de cidades mais seguras e sustentáveis.

Objetivos de aprendizagem

Identificar e compreender os principais riscos ambientais e urbanos do bairro Matosinhos;

Aplicar os conhecimentos teóricos de Geografia em atividades práticas, facilitando a aprendizagem ativa das/dos estudantes;

Estimular o olhar crítico e investigativo das/dos alunas/os para as questões de segurança e planejamento urbano.

Metodologia utilizada

O projeto começou com aulas teóricas que abordaram a temática dos riscos urbanos e ambientais, em que as/os estudantes discutiram sobre os desafios específicos de Matosinhos. Em seguida, partiram para a construção das maquetes, representando o bairro em escala reduzida e destacando pontos de vulnerabilidade. Essa abordagem prática facilitou a visualização dos problemas estudados e incentivou o desenvolvimento de propostas de mitigação de risco.

Metas qualitativas

Promover a compreensão crítica sobre os conceitos de risco ambiental e urbanização entre os alunos da 1ª Série do Ensino Médio; estimular o protagonismo estudantil, a cooperação e o trabalho em equipe por meio da produção coletiva das maquetes; fomentar o senso de pertencimento e a leitura crítica do território, aproximando os alunos da realidade do bairro Matosinhos; articular teoria e prática, integrando conteúdos curriculares de Geografia com atividades investigativas e criativas; despertar o interesse pela pesquisa e pela busca de soluções para problemas urbanos e ambientais locais.

Metas quantitativas

Temos 100% dos alunos da 1ª Série do Ensino Médio em tempo integral envolvidos no projeto. Ao menos quatro



maquetes construídas, representando diferentes áreas do bairro Matosinhos, com identificação de áreas de risco. Aplicação de diagnóstico inicial (questionário ou roda de conversa) sobre os conhecimentos prévios dos estudantes. Realização de duas aulas teóricas introdutórias sobre urbanização, riscos e planejamento urbano. Apresentação final do projeto com participação de ao menos uma pessoa do público externo (gestores e comunidade escolar).

Estratégias e instrumentos utilizados para acompanhar a participação dos envolvidos

Registro contínuo em diário de bordo das aulas e encontros, destacando presença, participação e impressões dos alunos. Rodas de conversa semanais para escuta ativa dos estudantes sobre suas percepções e contribuições no andamento do projeto. Acompanhamento por grupos de trabalho, com divisão de tarefas e responsabilidades específicas para cada etapa (pesquisa, construção da maquete, apresentação etc.). Mediação ativa do professor, incentivando a participação equitativa e o envolvimento de todos os estudantes. *Feedback* formativo ao longo das etapas, com devolutivas sobre o desempenho coletivo e individual.

Dificuldades enfrentadas antes e durante o desenvolvimento do trabalho

Desigualdade na participação dos alunos, com alguns se engajando mais do que outros, exigindo mediações constantes para garantir a inclusão de todos no processo. Dificuldade na representação cartográfica em maquete, especialmente na identificação de áreas de risco e na organização espacial do bairro. Adaptação dos espaços físicos da escola para realizar a construção das maquetes e as exposições, demandando reorganização da rotina escolar. Necessidade constante de orientação individualizada,

devido às dúvidas técnicas e conceituais que surgiram ao longo da atividade prática.

Relação do trabalho pedagógico com o entorno da escola, questões locais, com ações e políticas existentes e com as organizações sociais que atuam na região

O projeto teve como ponto de partida a realidade vivida pelos próprios estudantes no bairro Matosinhos, em São João del-Rei. Ao abordar os riscos urbanos e ambientais presentes no território, o trabalho pedagógico dialogou diretamente com questões locais, como áreas sujeitas a alagamentos, ocupações irregulares, ausência de infraestrutura adequada e déficit de planejamento urbano. Essa abordagem territorializada fortaleceu o vínculo entre a escola e a comunidade, promovendo o protagonismo estudantil na leitura crítica do espaço onde vivem.

Além disso, a atividade dialogou com ações e políticas públicas, como o Plano Diretor Municipal, a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil (PNPDEC), a Política Nacional de Educação Ambiental e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente os relacionados a cidades sustentáveis e educação de qualidade.

O projeto também se conectou com o trabalho de organizações sociais e universidades que atuam na região, como o grupo Gepeger (Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Educação e Riscos) da UFSJ, que desenvolve pesquisas e ações voltadas à gestão de riscos, planejamento urbano e educação geográfica. A articulação com essas entidades potencializou o caráter interdisciplinar e ampliou o alcance social da proposta. Assim, o projeto não apenas cumpriu seu papel pedagógico mas também promoveu a integração entre escola, território e sociedade, contribuindo para uma educação significativa e comprometida com a transformação da realidade local.



Replicabilidade e continuidade do projeto

O projeto apresenta alto potencial de replicabilidade em outras turmas, escolas e comunidades que enfrentam desafios semelhantes relacionados aos riscos urbanos e ambientais. Sua metodologia, que articula teoria e prática por meio da leitura crítica do território, pode ser adaptada a diferentes contextos geográficos e realidades escolares utilizando recursos acessíveis e estratégias participativas. A confecção de maquetes, por exemplo, é uma atividade que favorece a interdisciplinaridade, podendo ser integrada a conteúdos de Geografia, Ciências, Arte, Matemática e Língua Portuguesa. Em relação à continuidade, o projeto gerou resultados significativos que motivaram seu desdobramento em novas ações, como: ampliação da análise para outras áreas da cidade; integração com os conteúdos de 2ª e 3ª Séries do Ensino Médio; parcerias com universidades e órgãos municipais para levantamento de dados e ações preventivas; realização de feiras temáticas, exposições itinerantes e debates com a comunidade local. Além disso, o projeto contribuiu para consolidar uma cultura escolar voltada à educação ambiental, cidadania e participação social, e pode se tornar parte permanente do planejamento pedagógico anual, adaptando-se às necessidades e temáticas emergentes do território.

Conclusão do projeto e resultados obtidos

O desenvolvimento do projeto com as turmas da 1ª Série do Ensino Médio da Escola Estadual Governador Milton Campos evidenciou a potência da educação geográfica aliada à prática pedagógica ativa e territorializada. Ao abordar os riscos urbanos e ambientais do bairro Matosinhos, os estudantes não apenas ampliaram os conhecimentos teóricos, mas também se tornaram mais conscientes da realidade em que vivem e do papel que podem exercer como sujeitos transformadores. Entre os principais

resultados obtidos, destacam-se: apropriação crítica de conceitos como urbanização, risco socioambiental, planejamento urbano e vulnerabilidade; elaboração de maquetes representativas do território, possibilitando a visualização dos problemas locais e o exercício da análise espacial; fortalecimento do trabalho em grupo, da cooperação e do protagonismo estudantil; maior envolvimento dos alunos com o entorno escolar, com relatos de interesse em participar de ações comunitárias e buscar soluções para os problemas identificados; integração entre diferentes áreas do conhecimento, promovendo uma aprendizagem significativa e interdisciplinar. O projeto se conclui com a certeza de que práticas educativas vinculadas ao território e à realidade social dos alunos são caminhos eficazes para formar cidadãos mais críticos, participativos e conscientes dos desafios do mundo contemporâneo. A proposta deixa como legado não apenas o conhecimento adquirido mas também a semente de novas ações e reflexões futuras dentro e fora da escola.

Aprendizagens alcançadas e autoavaliação

A realização do projeto proporcionou diversas aprendizagens significativas tanto para os estudantes quanto para os educadores envolvidos. Ao longo das etapas teóricas e práticas foi possível observar um avanço notável na compreensão dos conceitos geográficos, especialmente no que se refere à urbanização e aos riscos socioambientais, além do desenvolvimento de competências como análise crítica, trabalho em equipe, expressão oral e resolução de problemas. Entre as aprendizagens alcançadas, destacam-se: domínio de conteúdos curriculares por meio da articulação com a realidade local; desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de leitura do território; ampliação das habilidades manuais e espaciais com a construção das maquetes; melhoria na comunicação interpessoal, por



meio de rodas de conversa e apresentações; conscientização socioambiental, com olhar mais atento para o bairro e suas fragilidades.

Na autoavaliação do projeto, reconhece-se que, apesar dos desafios enfrentados – como a limitação de tempo, materiais e a necessidade constante de mediação –, o saldo foi extremamente positivo. Os estudantes demonstraram envolvimento crescente, protagonismo e interesse genuíno em compreender e intervir na realidade em que vivem. A abordagem metodológica se mostrou eficaz, e a interdisciplinaridade foi bem explorada. O projeto também contribuiu para o aprimoramento das práticas docentes, reforçando a importância de ações pedagógicas conectadas ao território e às vivências dos alunos. Como encaminhamento, a continuidade e a ampliação da proposta serão consideradas nas próximas etapas do planejamento escolar.

Mais educação, mais oportunidades e mais justiça social. É assim que a gente transforma o mundo!

Para saber mais sobre o Educador Nota 10, acesse os sites a seguir ou entre em contato conosco por e-mail.

<https://premioeducadornota10.org/>

<https://www.youtube.com/@PremioEducadorNota10>

<https://www.instagram.com/premioeducadornota10/>

pen10@institutosomos.org





A large, stylized number '10' in a dark blue color, positioned inside a light blue speech bubble. The '0' is composed of three concentric circles, and the '1' is a simple vertical bar.

prêmio
educador
nota 10

A large, solid pink shape with a wavy, cloud-like top edge, located on the left side of the page.

Premiação que reconhece e celebra
boas práticas educacionais realizadas
por professores e gestores da Educação
Básica de escolas públicas, privadas e
filantrópicas de todo o país.

